

REPORTER

TERESINA, 31 DE MARÇO DE 1995 / ANO I / R\$ 1,00 / N° ZERO



O. G. RÊGO DE CARVALHO TERMINOU O RIO SUBTERRÂNEO E FICOU LOUCO, DOIDO VARRIDO.



O JÂNIO QUADROS PROIBIU A VENDA DE LANÇA-PERFUME PORQUE ELE GOSTAVA MESMO ERA DE TOMAR PORRE DE WHISKY.



ALBERTO SILVA É O PAI DOS LUTOPISTAS NO PIAUÍ, NA ÁREA POLÍTICA. NA LITERÁRIA, SOMOS NÓS.



TORQUATO ERA MUITO CARINHOSO COM A FAMÍLIA. INTERESSANTE COMO ESSE NEGÓCIO APARECE DE UMA MANEIRA CONFUSA NA OBRA DELE.



MÁRIO FAUSTINO PRECISA SER MAIS ESTUDADO. ERA OUTRO DEPRESSIVO.



DEPOIS DO TERCEIRO WHISKY, PAULO JOSÉ CUNHA CONFESSA TUDO



WALL FERRAZ: RETRATO INACABADO DE UM POLÍTICO IMPOSSÍVEL

AVE WALL FERRAZ!

Repórter nasce com o propósito de ser um espaço aberto para mil curtições. Era só que faltava em Teresina. Este número tem uma caráter especial, não por ser o primeiro, mas por sair em homenagem especial ao professor Wall Ferraz, um homem que respirava cultura 24 horas por dia. Mais do que política. Quem teve o privilégio de conviver com ele sabe que a sua maior paixão era falar de qualquer assunto relacionado às letras e às artes piauienses.

Uma das últimas conversas de Wall Ferraz sobre este assunto que ele tanto venerava foi com os jornalistas Kenard Krueel e Paulo José Cunha, que solicitaram dele o

devido apoio para a criação do Centro de Cultura Alternativa Torquato Neto. De pronto, o prefeito mostrou-se sensível à idéia prometendo a doação de uma casa para abrigar o Centro, que, a partir daquela conversa, já passava a ser uma coisa dele. Era como se a iniciativa fosse sua. Não para surpresa dos jornalistas, Wall Ferraz começou a falar do Torquato menino, suas perallices, do Torquato compositor, jornalista, cineasta, polemista etc. Falava com conhecimento de causa. Era um homem antenado. Sabia da importância de Torquato e do que seria a instalação de um Centro objetivando não só a pesquisa, a catalogação, o estudo e a divul-

gação das obras do autor de Geléia Geral mas de todos os nossos valores culturais e artísticos.

Em suas administrações, a cultura era bem aquinhada, ao contrário de outros administradores que a tratam com desprezo, nojo até. Os produtores culturais da cidade, com Wall Ferraz, eram tratados com respeito e admiração. Eram sempre bem recebidos no Palácio da Cidade ou em qualquer evento em que o professor Wall Ferraz estivesse presente, porque ele fazia questão de se aproximar, conversar, trocar idéias com eles. Isso servia para ombreá-los. A produção cultural, sem Wall, nunca mais será a mesma.

Repórter presta, portanto, neste seu primeiro número merecida homenagem a esta figura que em tão pouco tempo fez tanto pela cultura do nosso Estado. O seu substituto, engenheiro Francisco Gerardo, homem dotado de qualidades morais, políticas e administrativas similares às do professor Wall Ferraz, tem tudo para firmar-se nesta árdua missão de substituir o Mestre. A ele, Repórter quer desejar votos de que a cidade o acolha, venere e admire como se deu com o professor Wall. Para quem a Cidade era o povo. Para quem a cidade era ele próprio.

Repórter será quinzenal. Aberto para tudo e para todos.

RETRATO INACABADO DE UM POLÍTICO IMPOSSÍVEL

O prefeito de Teresina, Raimundo Wall Ferraz, (PSDB) foi sepultado tarde do último dia 23 no Cemitério São José, localizado no Centro da cidade. Raimundo Wall Ferraz, 63 anos, faleceu às 22h30min, de quinta-feira última, no Hospital Albert Einstein, de São Paulo, para onde transferido no dia 1º de março, depois de sofrer um acidente cardiovascular no dia 13 de fevereiro.

Por solicitação da família de Wall Ferraz, o corpo não foi velado publicamente. Saiu direto do Aeroporto onde recebeu as últimas homenagens dos teresinenses que o elegeram duas vezes prefeito (85 e 92). Durante todo o período em que esteve internado, tanto em Teresina como em São Paulo, Wall Ferraz recebeu muitas manifestações pedindo o restabelecimento da sua saúde e muitas missas foram celebradas pela recuperação do que era considerado o melhor prefeito de Teresina de todos os tempos, chegando a ser apontado pelo Ibope como o melhor prefeito do Brasil em pesquisa realizada em 1988.

Ao ser internado no Hospital Albert Einstein, Wall Ferraz teve como médicos os professores José Joaquim Brilhante e Osvaldo Tella Júnior. Portador de três pontes de safena, sua situação se agravou ao ser acometido de pneumonia e de problemas renais,



Ruk

o que obrigou os médicos submetê-lo a hemodiálise. Depois desses problemas, surgiu uma infecção hospitalar e, na última terça-feira (21), os médicos começaram a suspeitar da existência de fibrose - enrijecimento dos tecidos pulmonares, o que foi apontado como causa da sua morte.

Raimundo Wall Ferraz nasceu em Teresina, no dia 14 de março de 1933, filho de duas das mais tradicionais famílias piauienses, com influente participação na educação e na política. Aos 15 anos foi eleito

diretor do Centro Estadual Piauiense, dando início a uma carreira política vitoriosa. Foi vereador e vice-prefeito de Teresina, sendo o presidente da Câmara Municipal, quando foi implantado o regime militar. Prefeito de Teresina por indicação do ex-governador e ex-senador Dirceu Arcoverde (também falecido) no período de 1975/78, voltou à Prefeitura em 1985, quando conseguiu expressivamente votação. Deputado federal em 1980, eleito praticamente pelos teresinenses, Wall Ferraz também foi professor da Universidade Fede-

ral do Piauí, onde foi buscar a maioria dos seus principais assessores e secretários nas três oportunidades que administrou a capital piauiense. Sua atuação como prefeito era voltada às populações dos bairros da periferia, principalmente atacando os problemas de infra-estrutura.

Candidato a governador do Estado em 1990, Wall Ferraz foi derrotado pelo hoje senador Antonio Freitas Neto mas, de volta à Prefeitura em 1993, formou uma aparceria atuante com o Governo do Estado na execução de obras importantes. Na eleição de 1994, quando apoiou o atual governador Francisco de Assis Moraes Souza - o Mão Santa -, foi apontado como o principal fator do grande desempenho do esquema vitorioso em Teresina, onde Mão Santa obteve mais de 50 por cento da sua votação.

Raimundo Wall Ferraz deixa viúva a professora Maria Eugênia Ferraz e os filhos Rodrigo Eduardo e Carlos Eugênio. Em virtude do seu falecimento, o governador Francisco Moraes Souza decretou luto oficial por três dias em todo o Piauí e o prefeito Francisco Gerardo de Almeida assinou decreto de sete dias de luto em Teresina. O seu sepultamento foi uma das maiores manifestações populares já ocorridas em nossa cidade.

REPÓRTER é uma publicação quinzenal da Zodíaco Produções e Eventos Ltda. Av. José dos Santos e Silva, 11471, sala 306.

Fone: (086) 223 8583 - Fax: (086) 222 0812. Diretor Responsável: Kenard Krueel. Editor: Cândia Belchior. Diretor Comercial: Gloss Barros. Equipe de produção: Everardo Ribeiro, Francisco Santos, Glicia Feitosa e Arnaldo Albuquerque. Colaboradores: Albert Piauí, Janice Batista e Ruk.

ENTREVISTA/PAULO JOSÉ CUNHA

Arnaldo Albuquerque



TORQUATO NETO AINDA É O GRANDE CULT NACIONAL

KENARD KRUEL

Paulo José Cunha, carioca (de nascimento - 25 de fevereiro de 1951), piauiense ter bebido as águas dos rios Parnaíba e Poti, é poeta, jornalista, compositor, em conversa íntima com Albert Piauí, Nacif Elias, Benoni Alencar, Janice Batista, Gilberto Hild, Arnaldo Albuquerque e este escreva, numa noite de grandes segredos dantes, no Agaves, um dos melhores bares da cidade, fala de sua formação jornalística, literária e faz revelações inéditas sobre o famoso primo Torquato Neto. Algumas publicadas aqui. Outras, guardadas para um dos próximos Cadernos de Comunicação, a circular em breve. Repórter da Tv Globo, com base em Brasília, Paulo José Cunha é um dos melhores profissionais da área. De suas experiências como repórter político resultou o livro A Noite das Reformas. Da vivência dos bares, da literatura e das mulheres veio a lume O Salto sem Trapézio. Está organizando a Fortuna Crítica de Torquato Neto e idealizando o Centro de Cultura Alternativa Torquato Neto, com o apoio da turma do REPORTER.

Albert Piauí - Como você vê a imprensa brasileira, neste momento?

A imprensa brasileira está numa encruzilhada. No entanto, muito salutar. Temos um ciclo da imprensa que foi muito interessante até os resmovimentos de resistência, durante a ditadura. Depois, ficaram sem rumo. Conseguimos exercer, durante algum tempo, a resistência democrática dentro do que era possível. Perdemos o jeitinho porque havíamos perdido o hábito de fazer reportagem. Não tínhamos a liberdade que temos agora. A imprensa brasileira está passando por um processo de reciclagem muito interessante, criativo e instigante. É o caso, por exemplo, da Folha de São Paulo, uma das experiências mais interessantes em curso. Apesar dos exageros, das distorções e de uma certa irresponsabilidade. É, talvez, a experiência de inovação mais interessante desde a revolução que Alberto Dines fez no JB, na década 60.

Albert Piauí - A Folha de São Paulo aprofunda pouco, e, de certa maneira, é mal escrito, tem muita coisa primária. Comparando ao Jornal do Brasil, embora em crise, é pior. E esse é o caminho?

Estamos enfrentando uma contradição muito séria por causa do crescimento da televisão. Na imprensa escrita essa contradição ainda não foi vencida. É paradoxal que tenhamos um veículo de informação instantânea como a televisão, que não tem ainda agilidade suficiente para enfrentar o dia-a-dia, e, ao mesmo tempo o jornal, que não consegue aprofundar as informações, o que teoricamente deveria ser o seu papel. O jornal não consegue mastigar essa informação da televisão e entregar ao público no dia seguinte com aprofundamento de análise, com crítica, realizando comparação, colocando opinião. Ao mesmo tempo, tem-se uma televisão que se preocupa muito mais com a forma do que com o conteúdo. Você tem algumas experiências de informação de coberturas jornalísticas mais eficientes, mas na maioria das vezes você tem uma televisão que não consegue a eficiência do jornal, na coleta de notícias, apesar de contar com meios de tecnologia mais avançados. E o jornal não consegue colocar a tradução da informação, que seria o seu papel. Estamos ainda sem identificar o papel do jornal, que mudou diante do impacto de uma tecnologia muito mais avançada.

Albert Piauí - Há muita que pregam a morte do teatro, por uma série de razões. E uma delas seria a TV. O jornal vem sendo assassinado pelos futurólogos desde o surgimento do rádio e da televisão. Mas o jornal vem sobrevivendo muito

bem. Na TV, o espaço dedicado ao noticiário é muito pequeno. Nos Estados Unidos existem emissoras de TV com tempo integral dedicado ao noticiário. No Brasil, programas/revistas, como o Fantástico, estão sempre a reboque da imprensa escrita. Os assuntos que estão no Fantástico já foram tocados pela imprensa semanal ou diária.

É por isso que digo que a contradição está sendo vivida pelos veículos. A televisão, porque está a reboque do jornal, quando deveria ser a ponta-de-lança da informação, sair na frente, pautar os jornais e não o contrário. Os jornais na Europa e em algumas partes dos Estados Unidos, já exercem, timidamente, a função de dar esse passo a mais no sentido de estabelecer comparações, colocar opiniões, enfim, fundar o que chamaria de uma opinião pública, em vez de apenas fornecer informações.

Arnaldo - Um veículo de serviço?

Não exatamente, mas um veículo capaz de explicar as notícias, situar esses fatos, colocar o leitor em sintonia com o resto. - "Morreu o Papa". O que significa é função do jornal. - "O corpo está saindo do Vaticano". É função da televisão, é visual. Não vejo como o jornal consiga concorrer com a televisão nesse campo, por mais fotográfico que seja.

Kenard Kruel - A Folha segue o modelo do USA TODAY, de pequenos textos com muitas fotos. É a saída?

Não é que a saída seja essa ou aquela. Há várias saídas, há vários formatos de jornal a serem testados diante de uma sociedade informatizada, tecnológica, como a que vivemos hoje, do ponto de vista da informação. Quando se fala de imediatismo, de não ter tempo para ler, tem que verificar que o jornal é o veículo para a leitura seletiva. Você lê o que interessa. Quanto ao pequeno tempo que a televisão dedica aos seus noticiários, talvez aí resida o problema, porque impõe a que você assista a todo o noticiário. Não há seleção. - só quero assistir ao noticiário político do Jornal Nacional. Aperta o botão e sai, não. Porque isso só se faz no jornal. Me interessa por política, vou lá, leio. Não me interessa por esporte, não leio. O jornal permite uma leitura seletiva. A televisão não. E o máximo que ela consegue dar dentro de um determinado tempo de abstração é, inclusive, cientificamente medido. O tamanho do Jornal Nacional é o tamanho do noticiário dos jornais americanos médios. O tempo de produção do Jornal Nacional é de, mais ou menos 22 minutos para 8 minutos de comercial. O comentário do Joelson Beting, por exemplo, é uma tentativa de situar o plano econô-

nios, mas sabe-se que ele não consegue superar o obstáculo grande que é enquadrar, informar e situar bem o leitor diante de um fato.

Albert Piau - É saudável ter a Folha, o que não é saudável é ele e algumas pessoas ficarem dizendo que aquele é que é o modelo que deve ser implantado no Brasil. Que se faça o jornal como a Folha, mas que se faça outro tipo de jornal também, porque o interessante é que cada um tenha seu esquema editorial gráfico.

Formatos existem vários. O Le Monde tem um padrão editorial que não tem rigorosamente nada a ver com o padrão do Le Express. É cada um na sua. Disputa-se o público da maneira que achar mais correta. Todo dia você tem que estar repensando o jornal. Convencionou-se, por exemplo, que o formato e os espaços gráficos são aqueles, mas há algumas experiências, extremamente positivas e que deram certo, como o caso do Zero Hora, que pegou o formato tabloide e fez um belo jornal. Qual o problema?

Kenard Krue - Na Europa usa-se mais o tabloide, no Brasil é o standard.

Albert Piau - O tabloide da Europa é maior que o do Zero Hora, que está comprando uma máquina para fazê-lo maior para torná-lo mais dinâmico e quebrar a rigidez do modelo que temos.

Sergio Fontenele - Você acha que o fato de grandes jornais que balizam o jornalismo impresso no Brasil seguirem esses mesmos padrões de muitas informações fragmentada e pouca opinião é o que está empobrecendo a imprensa, provocando essa perda de qualidade?

Não creio. Estamos sob o impacto dessa moderna tecnologia e ainda não sabemos que tipo de jornal vamos fazer. O campo está aberto. É hora de começar a revirar e testar fórmulas e mais fórmulas.

Kenard Krue - O jornalismo está mais solto, há mais espaço do que antes, não?

Sim, evidentemente. Mas ainda não estamos conseguindo respirar. Precisamos aprender a respirar, no Brasil, dentro de um clima de liberdade. Por exemplo, A Folha comete exageros fantásticos. Matérias mal apuradas, não checadas, numa certa irresponsabilidade que combate cotas unhas e dentes. O JB foi a escola que aprendi. A responsabilidade jornalística está acima de tudo, porque com opinião errada, com uma notícia mal apurada, você destrói uma honra, um caráter, pode colocar em risco a carreira profissional de uma pessoa. Pode-se dizer: "mas a busca da informação justifica". Não, não justifica. Se há dúvidas em determinadas informações, devemos ter a humildade publicar. Como é o caso daquela escola, lá de São Pau-

lo, que todo mundo embarcou, depois não era nada daquilo. Como é caso do Alceuir Guerra, que também não era nada daquilo.

Albert Piau - Por falar em Alceuir e outras mancas da imprensa, você não acha que a imprensa brasileira se porta muito mal em época de eleições? Por exemplo, na época em que houve a polarização de Lula x Collor a imprensa favoreceu o Collor. Dessa vez, favoreceu o Fernando Henrique Cardoso. Então, o que se viu, mais uma vez, foi o Lula encarnar o mal, o anti-Cristo, e o FHC o bem com tudo o que estava à sua volta. O Villas Boas, jornalista de renome, todos os dias na Manchete fazia um comentário de 10 minutos contra o Lula. Era uma coisa suja.

Acompanhei a cobertura lendo os jornais. Me parece que esse vício continua e perdura lamentavelmente na imprensa brasileira. Parto do princípio de que o jornal detém o monopólio da verdade é que impor esse monopólio a seus leitores. Poderíamos fazer as exceções de praxe, mas não temos dentro da crítica brasileira, uma isenta. Temos uma crítica, um jornalismo de opinião, que ainda não conseguiu ter a isenção necessária para analisar o fato. Existem dois caminhos para se fazer esta análise de fatos, a contraposição de opiniões. O primeiro é botar o artigo do articulista do PT ao lado do artigo do fulano de tal que defende o FHC. O segundo caminho é uma pessoa ser capaz de estabelecer essa comparação e dizer em que ponto o programa de um é superior ao do outro e porquê. O Carlos Castelo Branco fazia isso muito bem. Perseguiu esse jornalismo objetivo até os últimos dias de vida. Agora, é uma exceção diante de um mar de opinismo que temos por aí.

Albert Piau - Quando veio à tona a corrupção do Collor e o seu impeachment, o Alberto Nunes fez uma matéria para a imprensa dizendo que se porta-

ram muito mal na cobertura da eleição. Dessa vez, ele se portaram mal da mesma forma. Não que ache que a proposta do PT seja a melhor, não é isso. Você vê um jornalista como o Gilberto Dimenstein demonstrar todo o seu ódio contra o PT na coluna diária que faz na Folha. A imprensa americana decide apoiar um candidato e avisa aos leitores. No Brasil, eles apoiam um candidato, mas com a capa da isenção.

É preciso definir de que imprensa brasileira estamos falando? É o corpo redacional? É a instituição? Qual?

Albert Piau - Estou falando da instituição em si, da imprensa e de certas estrelas do jornalismo brasileiro. Das pessoas que detêm as páginas de opinião. Das estrelas que assinam (a matéria) os editoriais etc.

E têm uma força danada, porque formam opinião. Mas, retornando ao ponto inicial, qual é a crítica que se pretende fazer dentro da imprensa brasileira do futuro? É a da contraposição de opiniões ou de análises feitas com isenção por uma cabeça? Quem seria capaz de, abdicando de posições pessoais, analisar o quadro friamente. Entre um River e um Flamengo o Arnaldo já pulou ali e disse que é mais o River. Se você botar o Carlos Said dificilmente vai sair uma crítica mais isenta, porque o Said é um riverino doente.

Albert Piau - Ele é riverino, mas é isento.

Adoro o Said, mas ele bota para fora as suas vontades, as suas posições.

Kenard Krue - E você?

Ultimamente tenho acompanhado uma posição meio alternativa, porque o jornalismo que faço, em Brasília, não é o de tomar uma posição diante do fato. Relatamos esse fato e tentamos humanizar, um pouco, a transmissão da informação a fim de que o telespectador tenha, já por dentro da maté-

ria, uma percepção do fato a partir de uma visão um pouco mais humanista, menos técnica. Tenho fugido muito do lead, do quê, como, quem, onde, porquê. Trabalho tentando situar logo os personagens dentro de um universo humanista. As pessoas dizem que não faço a cobertura da cidade, mas da alma da cidade. Estou tentando fazer isso mesmo.

Albert Piau - Por que a cidade?

Porque gosto e por uma série de injunções.

Albert Piau - Por que não tem matéria sua em rede?

A cidade limita muito o fato, a sua esfera de influência. Uma matéria sobre a greve de ônibus, em Brasília, a não ser que saia no jornal Nacional, é muito restrito à cidade. A maior parte do noticiário realizado no Piau, não é para rede. Mas não estou muito preocupado com isso. Estou realizando um trabalho que vai indo muito bem, em Brasília. Já tive a minha experiência em nível nacional e gostei muito...

Albert Piau - Na época Bom Dia Brasil você era muito assediado pela classe política. Hoje, afastado da rede, como é que as pessoas te recebem na cidade?

Aqui mudou muito. É natural que os políticos procurem se aproximar mais de quem está diariamente na convivência deles. Não é mais o meu caso. Os políticos de Brasília me têm uma referência especial, porque estou diariamente cobrindo. É natural que o político do Congresso Nacional tenha uma atenção especial para o repórter que cobre o Congresso Nacional. Não gostaria, de perder a amizade dessas pessoas, mas, se querem assim, o que fazer?

Albert Piau - Na época de estudante, em Teresina, qual era o teu envolvimento com a imprensa?

Não tinha grande envolvimento. Várias pessoas que estão aqui, nesta entrevista, tinham um convívio intenso naquela época. Arnaldo, você, Albert, o Kenard, que vem um pouco depois. Eu tinha um relação de leitor normal e o que ia fazer não era jornalismo. Fazíamos folha alternativas, estávamos muito mais numa área artística do que mesmo jornalística. Tinha mais literatura e arte do que propriamente jornalismo. Arnaldo fazia desenhos, o Albert charges, e nos curtíamos muito. Era uma ação entre amigos. Eu escrevia textos, poemas, críticas etc. Saí daqui pensando numa palavra maior que é comunicação. Sempre gostei muito de cinema. Mas, de repente, estava fazendo jornalismo e caminhando direto para jornal e não consegui sair mais disso. Todo mundo queria fazer cinema, todo mundo gostava de cinema. O velho barato na cabeça das pessoas era fazer cinema. Hoje faço vídeo.

Arnaldo - Fazíamos cinema através



CARLOS CASTELO BRANCO FAZIA UM JORNALISMO OBJETIVO, O QUE ERA EXCEÇÃO DIANTE DO MAR DE OPINISMO QUE TEMOS AÍ.

de jornal.

É verdade. E raramente ocorre o contrário. A pessoa que fazia cinema ir fazer jornal. Só o Arnaldo Jabor.

Albert Piauí - O que havia na imprensa de Teresina que você gostava?

Não curtia nada em especial. Achava o continuo achando muito curioso esse formato que só vejo aqui, por exemplo, na crônica social. A Elvira Raulino é um fenômeno nacional. Como é que se mantém, como é que se perdura essa longevidade toda? Um formato que fez escola e continua passando. É digno até de um estudo, porque é uma coisa muito forte, essa coisa da crônica social. O jornalismo, aqui, era muito insipiente até a década de 70. Hoje

tem os jornais mais bem apanhados, com um formato mais interessante, com um texto um pouquinho mais bem cuidado. Tenho lido os jornais daqui e tenho gostado dessa evolução. Fui um crítico muito duro com a imprensa que se fazia aqui. Cheguei a escrever textos batendo muito na forma como se fazia a imprensa aqui. Até hoje tenho muita crítica. Não é possível uma cidade como Teresina, num estado como o Piauí, ter 5 jornais diários põe Paris tem três Brasília, capital do país, dois. No Rio e São Paulo dois. Acabou. Aqui se pubertiza o número de jornais limi-

tando salarialmente os jornais. Talvez por isso é que a imprensa daqui ainda seja um tanto insipiente no preparo dos profissionais, por que não há como remunerá-los a ponto de não precisarem, por exemplo, de fazer mil viagens para se manter. Se tiver algum jornalista aqui que seja só jornalista deve sofrer o diabo se viver só de jornal.

Nacif - O jornalismo aqui continua sendo um bico, não é?

Ou um suloco.

Kenard Kruei - Há um acordo entre os donos de jornal e os jornalistas. No jornal, ganham salário mixo, e são

levados para trabalhar no governo. No governo, ganham também uma droga. No jornal, não atacam o governo. No governo, são ponte para angariar dinheiro para o jornal.

Nacif - Eles pagam o jornalista para fazer bico, entende? Ele vai ter um profissional, de um certo valor por um salário miserável. Não vamos desmerecer o valor do profissional. Mas ele mesmo perde esse valor ao ser empregado no governo. Para tanto, perde a sua independência.

É evidente. Ele perde inteiramente essa independência no momento em que assume um negócio desses. Li outro dia uma en-

trevista com o Garincha, dada para O Estado Interessante, em que ele que o jornalista é nomeado para a assessoria de imprensa para não divulgar nada, para não atrapalhar". Não quero, com isso, criticar os coleguinhas. Isso é necessário, senão os caras morrem de fome. Agora essa realidade precisa ser alterada.

Albert Piauí - Você foi logo para o JB?

Não. Era funcionário público aqui. Trabalhava na LBA em 1970, quando fui transferido para Brasília. Fiz vestibular, passei, comecei a estudar. Fiz o meu primeiro estágio O Globo, mas fiquei apenas um ano lá. Aliás, trabalhei, an-

tes, durante seis meses na Rádio Nacional. Fui posto para fora porque era comunista. Depois de O Globo, fui fazer assessoria de imprensa. Na Rádio Nacional havia o Projeto Som, totalmente diferente de tudo que se fazia. Era produtor de programas musicais voltada para a Amazônia. Foi uma experiência boa. Mas em pleno governo Médici, não podia dar certo. Foram mais de dezetas demissões.

Albert Piauí - No rádio teresinense, o que te interessava?

Quem é que vai esquecer das "variedades Fernando Mendes". "Seu Gosto na

..... Arnaldo Albuquerque



A ELVIRA RAULINO É UM FENÔMENO NACIONAL. MERECE UM ESTUDO PELO FORMATO DE COLUNA SOCIAL QUE FAZ.

.....

R
E
N
O
P
E
Ç
A
S

L
T
D
A

Você tem todas as razões para ir direto à Renopeças

- * TEM TODAS AS PEÇAS QUE SEU CARRO PRECISA
- * AS MAIORES FACILIDADES DE PAGAMENTO
- * ATENDIMENTO PERSONALIZADO
- * TODO DIA UMA OFERTA NO BALÇÃO

Quer mais vantagens? Vá logo correndo à Renopeças
Av. Miguel Rosa, 4487
PABX: 222-3308

de jornal.

É verdade. E raramente ocorre o contrário. A pessoa que fazia cinema ir fazer jornal. Só o Arnaldo Jabor.

Albert Piauí - O que havia na imprensa de Teresina que você gostava?

Não curtia nada em especial. Achava o continuo achando muito curioso esse formato que só vejo aqui, por exemplo, na crônica social. A Elvira Raulino é um fenômeno nacional. Como é que se mantém, como é que se perdura essa longevidade toda? Um formato que fez escola e continua passando. É digno até de um estudo, porque é uma coisa muito forte, essa coisa da crônica social. O jornalismo, aqui, era muito insipiente até a década de 70. Hoje

tem os jornais mais bem apunhadados, com um formato mais interessante, com um texto um pouquinho mais bem cuidado. Tenho lido os jornais daqui e tenho gostado dessa evolução. Foi um crítico muito duro com a imprensa que se fazia aqui. Cheguei a escrever textos batendo muito na forma como se fazia a imprensa aqui. Até hoje tenho muita crítica. Não é possível uma cidade como Teresina, num estado como o Piauí, ter 5 jornais diários pô! Paris tem três, Brasília, capital do país, dois. No Rio e São Paulo dois. Acabou. Aqui se pubertiza o número de jornais limi-

tando salarialmente os jornais. Talvez por isso é que a imprensa daqui ainda seja um tanto insipiente no preparo dos profissionais, por que não há como remunerá-los a ponto de não precisarem, por exemplo, de fazer mil virações para se manter. Se tiver algum jornalista aqui que seja só jornalista deve sofrer o diabo se viver só de jornal.

Nacíf - O jornalismo aqui continua sendo um bico, não é?

Ou um sufoco.

Kenard Kruei - Há um acordo entre os donos de jornal e os jornalistas. No jornal, ganham salário mixo, e são

levados para trabalhar no governo. No governo, ganham também uma droga. No jornal, não atacam o governo. No governo, são ponte para angariar dinheiro para o jornal.

Nacíf - Eles pagam o jornalista para fazer bico, entende? Ele vai ter um profissional, de um certo valor por um salário miserável. Não vamos desmerecer o valor do profissional. Mas ele mesmo perde esse valor ao ser empregado no governo. Para tanto, perde a sua independência.

É evidente. Ele perde inteiramente essa independência no momento em que assume um negócio desses. Li outro dia uma en-

trevista com o Garincha, dada para O Estado Interessante, em que ele que o jornalista é nomeado para a assessoria de imprensa para não divulgar nada, para não atrapalhar". Não quero, com isso, criticar os coleguinhas. Isso é necessário, senão os caras morrem de fome. Agora essa realidade precisa ser alterada.

Albert Piauí - Você foi logo para o JB?

Não. Era funcionário público aqui. Trabalhava na LBA em 1970, quando fui transferido para Brasília. Fiz vestibular, passei, comecei a estudar. Fiz o meu primeiro estágio O Globo, mas fiquei apenas um ano lá. Aliás, trabalhei, an-

tes, durante seis meses na Rádio Nacional. Fui posto para fora porque era comunista. Depois de O Globo, fui fazer assessoria de imprensa. Na Rádio Nacional havia o Projeto Som, totalmente diferente de tudo que se fazia. Era produtor de programas musicais voltada para a Amazônia. Foi uma experiência boa. Mas em pleno governo Médici, não podia dar certo. Foram mais de duzentas demissões.

Albert Piauí - No rádio teresinense, o que te interessava?

Quem é que vai esquecer das "variedades Fernando Mendes": "Seu Gostio na



.....

A ELVIRA RAULINO É UM FENÔMENO NACIONAL. MERECE UM ESTUDO PELO FORMATO DE COLUNA SOCIAL QUE FAZ.

.....

R
E
N
O
P
E
Ç
A
S

L
T
D
A

Você tem todas as razões para ir direto à Renopeças

*** TEM TODAS AS PEÇAS QUE SEU CARRO PRECISA**

*** AS MAIORES FACILIDADES DE PAGAMENTO**

*** ATENDIMENTO PERSONALIZADO**

*** TODO DIA UMA OFERTA NO BALÇÃO**

Quer mais vantagens?

Vá logo correndo à

Renopeças

Av. Miguel Rosa, 4487

PABX: 222-3308

CLÍNICA
BIO
Estética
MEDICINA E BELEZA

 **GRUPO
KHOL
MÉDICA**

Cara Amiga,

É com grande satisfação que comunicamos a associação entre a clínica **BIO-ESTÉTICA** e o **GRUPO KHOL MÉDICA**, prestigiosa empresa de Medicina Estética sediada em Curitiba, Paraná, já detentora de 100 (cem) clínicas franqueadas de norte a sul do país!

Esta associação, além do nivelamento e padronização dos mais elevados conceitos de atendimentos que se praticam no Brasil, permite que a clínica **BIO-ESTÉTICA** venha a acrescentar ao seu já elevado arsenal de equipamentos a utilização da **MESOTERAPIA** e da **ELETROLIPOFORESE**, tudo sobre a orientação médica da **Dr^a. PAULA TASSÍANA RIBEIRO**, que regressou recentemente de criterioso curso na sede central da **KHOL MÉDICA**, em Curitiba, Paraná.

Assim sendo, sentiremo-nos muito orgulhosos com a sua presença (e de suas amigas) nos dias 6, 7 e 8 de abril próximo, ocasião em que poderá fazer sua própria avaliação dos nossos serviços ao avistar-se com os médicos e técnicos da **KHOL MÉDICA/BIO-ESTÉTICA**, que aqui se encontrarão às suas ordens.

Grato pela sua atenção,

Maria Socorro Mendes Ribeiro
Proprietária e esteticista da
CLÍNICA BIO-ESTÉTICA

RUA AVIADOR IRAPUAN ROCHA, 1474 • JOCKEY CLUB • FONES 233 2344 • 232 4012 • TERESINA • PIAUÍ

Gostaria que os cursos de comunicação tivessem cadeira de História Política do País, História Econômica. Esse arcabouço é fundamental. Mas, nos mandam ler que nem um maluco esses Barthes da vida...

Nacif - Para que, pô! Não me interessa, eu não vou ter aplicação prática.

É aquela história de significante significado que até hoje não sei o que diabo é aquilo.

Nacif - Não aprende aquilo. É terrível.

Albert Piatti - Haja semiótica e mais semiótica!

Essa palavra também é terrível!

Albert Piatti - É preciso ter escola de comunicação no Brasil, mas exigência de diploma é premiar a ignorância.

Os professores têm mania de nos impor essas coisas abstratas e sem utilização prática. Alguém me ensine significante e significado num dia que eu esteja bêbado, porque só assim vou conseguir aguentar uma conversa sobre isso de novo. Lucido quero ver isso longe de mim.

Albert Piatti - Como é ser jornalista, trabalhar na televisão e fazer poesia?

Não tenho regra para isso. Acontece. Por exemplo passei cinco anos sem escrever um verso. Um dia, disparo. É a recarga. A gente gasta tudo e aí faz um livro. Me lembra até a história do Fellini. Houve um certo período que ele parou de fazer filmes porque todos eram lembranças da sua infância. Não é como quando ele fez "Roma". Eram reminiscências. E ele diz: - Quando vi que tinham acabado as lembranças, tive que construir outras e comecei a fazer novas lembranças. Mas aí já no plano da ficção. O fato de trabalhar em jornal, em televisão ou trabalhar de maneira geral não impede você ser poeta. Conheço funcionários públicos e bancários que passam o dia mexendo com dinheiro, com números e são excelentes poetas.

Nacif - O O. G. Rêgo de Carvalho, funcionário do Banco do Brasil, é um excelente escritor.

Lá, recentemente, "Como e porque me tornei escritor". Delicioso. Ele disse que quando chegou do Rio de Janeiro, ao terminar de escrever o Rio Subterrâneo, veio doido varrido e foi internado no Meduna. Ficou três anos lá, louco, louco. Dizem que, em Oeiras, para construir um hospício é só cercar a cidade e murar.

Albert Piatti - Em Oeiras cada família tem o seu doido de estimação. Com o tempo descobre-se qual é.

Gilberto Húdd - Cada família tem um quartinho guardado para o seu doido.

Dizem que isso acontece por causa da consanguinidade, porque para manter o patrimônio eles incenavam o casamento en-

tre os membros da família. O G. Rêgo acha isso.

Albert Piatti - Você não gosta de falar de poesia, então, é o seguinte...

Gosto. Mas, até hoje não resolvi esse negócio na minha cabeça. Sou empurrado para fazer, e, se não fizer, fico doido. Agora, se quiser que explique o processo, não sei.

Albert Piatti - A maioria das pessoas envolvidas com propaganda e jornalismo tinha pretensão de fazer carreira literária, como o Castelinho, por exemplo.

Kenard Kruei - Aliás, a literatura perdeu um grande literato e o jornalismo ganhou um grande jornalista.

Albert Piatti - No jornalismo as palavras saem em profusão, no poema é uma coisa pensada.

A poesia para mim é um derivativo da minha atividade diária. Se já consigo misturar um pouco de poesia e humor nos textos que faço para televisão, é a forma que consegui, a muito custo, de dar vazão a esse outro lado que tenho e não posso negar que existe. As pessoas que trabalham em jornal e que têm essa compulsão para escrever, devem escrever, senão enlouquecem. Já acordei de madrugada, e, ou escrevia aquele negócio que estava me enchendo o saco, ou não conseguia dormir.

Kenard Kruei - E o Paulo molecote, com o jornalzinho debaixo do braço, no colégio, alguma coisa nesse sentido.

Comecei a ler jornal via Pasquim, e, também, por influência do Edmar Oliveira, que chegava com O Estado de São Paulo, no Diocesano. Naquela época o Edmar já tinha alguma quilômetros de leitura de jornais. Eu não. Ele escrevia bem. Tinha o Durvalino Filho. A convivência, de certa forma, era muito intensa. A nossa turma toda, Albert, Arnaldo Albuquerque, Durvalino, Galvão, Pereira, todos tinham essa coisa de trabalhar com palavras, não sei se já jornameiramente,

poeticamente. Fazendo contos ou romances. Foi um menino comum. Talvez pelo fato de ser filho único, isso tenha forçado um pouco esse recolhimento interior maior. Sempre li muito. Sou viciado em ler. Naquela época Teresina não tinha muitas alternativas, não tinha a televisão, o tempo sahrava porque você não tinha compromisso.

Albert Piatti - Você morava na Praça Saravá?

É isso me deu, também, uma vida muito bucólica, muito gostosa da cidade. A cidade, eu e a praça. O meu mundo era a praça, passarinho, pipa, jogar triângulo, peteca, e, eventualmente, bola. Era asmático, não podia forçar muito a barra, senão ia parar no

antibiótico. E aí entra a grande influência de Torquato, sobretudo essa coisa de ler, de escolher livros, de discutir. É fundametal a coisa do interlocutor. Não adianta, você sozinho não se não transforma num bom poeta, redator, nem numa pessoa de formação mais ampla. Torquato me ajudou muito trocando idéias.

Torquato escrevia cartas como o diabo. Mesmo depois que foi para a Bahia, continuávamos trocando correspondências. Quando eu vinha, conversávamos sobre o que estávamos lendo, trocávamos livros. Isso foi me moldando, mais ou menos, para o que sou hoje.

Nacif - Os livros socialistas

que comecei a ler foram trazidos por ele, da Bahia. Primeiro foi o Socialismo, depois foi a História da Riqueza do Homem.

É o feed-back. É um negócio complicado, não adianta nada acumular. Você vai ficando cada vez mais para trás. É a história do homem-biblioteca, um búfalo. "Folano é muito culto, leu tudo"! Sim, para quê?

Albert Piatti - É preciso saber o que fazer com a informação que se tem.

Você deve ter, processar e devolver essa informação, ou não serve para nada.

Albert Piatti - E quando você processa mal, é uma droga.

terido de uma coisa que acabou no jornalismo brasileiro e que antigamente existia muito. As grandes polémicas. Dá para ver isso no livro de Fernando Morais, sobre o Chateaubriand. Demoravam meses, e quando eram publicadas, deixavam de ser um papo a dois e envolviam toda a comunidade leitora. Isso contribuiu para a formação geral da opinião pública.

Nacif - Camprava-se até o outro veículo para acompanhar a briga.

Hoje há, no máximo, a pessoa que responde à crítica, porque foi muito rápido e isso em dois ou três artigos. Antes, as polémicas demoravam dois ou três meses.

Kenard Kruei - Como foi a primeira vez?

Foi no mural da escola. Depois veio o primeiro mimeógrafo e nos sentimos o máximo. Andávamos nas ruas com ares de intelectuais, não falávamos com certa pessoas. Era engraçado. De repente fomos nos envolvendo. Era um clima muito gostoso da coisa de criação intelectual, não se sabe de onde, nem como. Eu não sabia que ia ser jornalista, pois só pensava em cinema, em informação visual. Se soubesse desenhar, teria sido muito mais um Albert porque me interessava mais a coisa visual do que a palavra. A não ser a palavra na área da poesia.

Kenard Kruei - Como surgiu o Gramma?

Surgiu dessa coisa, dessa turma.

Nacif - Era fidelista?

Não. Se bem que foi na época da revolução. O nome Gramma surgiu por causa da Grama da igreja São Benedito. Grama com um *eme* só ia ficar besta. Então botamos com dois *emes* e ficou "GRAMMA, JORNAL PRA BURRO". Foi invenção do Durvalino.

Albert Piatti - Mas, antes houve uma experiência no Opinião.

Exatamente na minha saída daqui. Já estávamos com o jornal encaminhado. Não foi Arnaldo?

Arnaldo - Já estava encaminhado com o novo avanço da tecnologia, que era o mimeógrafo eletrônico.

Era o mimeógrafo eletrônico que permitia a reprodução de fotografia. Antigamente era o mimeógrafo a álcool, o cachacimba. Acabou o cachacimba veio o eletrônico.

Albert Piatti - Você escreveu uma carta dizendo: - "Olha, tem uma nova tecnologia aqui".

- "Dá para fazer o diabo, até para reproduzir fotografia". Os mentirosos aclararam o máximo.

Albert Piatti - Era caro o outro sistema?

Arnaldo - Não era só por ser caro, mas por não admitirmos outro sistema. Não admitíamos também o formato convencional. Éramos revolucionários, não



O. G. RÊGO
TERMINOU O
RIO SUBTERRÂNEO
E FICOU LOUCO,
DOIDO VARRIDO,
INTERNADO NO
MEDUNA.

podiamos um subterfúgio ao sistema. Tinha mais que fazer diferente. Arranjei uma namorada, em Brasília, que trabalhava no Ministério das Relações Exteriores (o jornal deve ter ido ao Ministério das Relações Exteriores) e roubava as resmas de papel que eu ia acumulando em casa, para depois rodar no mimeógrafo eletrônico.

Renard Krueel - O nome foi só por causa dos papéis?

Não, ela era bonita.

Nacif - E não era ordinária.

Era a filha da dona da pensão. E, para garantir o ovo frito no almoço, o Durvalino namorava a outra irmã. Não tinham dinheiro para pagar o almoço, só para tomar Ron Montilla com coca-cola. Ah, a minha garantia o Gramma, e a do Durvalino garantia o ovo frito.

Arnaldo - Você acha que o GRAMMA foi só uma questão de adolescente, ou teve alguma importância?

O Gramma foi um marco dentro do processo de criação jornalística do Piauí. Ainda hoje é uma grande curiosidade.

Renard Krueel - O meu ainda tem aquele laquinho de fita que vocês colocaram nele.

Me deu um susto quando abri e olhei, meu Deus do céu!

Albert Piauí - No Gramma nº 2, na página 2, tem um editorial falando no

Cabo Amador. É um dos textos mais bonitos que já se escreveu aqui.

É do Durvalino Filho. É um barão. Albert Piauí - O Durvalino disse que não é dele. Eu perguntei, na época.

Pando José - Sei que não é meu.

Arnaldo -

Pouco falar, agora?

- O Gramma era uma criação coletiva.

Aliás, mesi nesse texto. Tem meu dedo lá. Mas a maioria do texto não é minha.

Renard Krueel - Depois do Gramma?

Fiquei em Brasília. O Durvalino permaneceu aqui, algum tempo, e ficou em contato com o Piauí. Surgiu a oportunidade de fazer a página Co-

municação no Distrito, que não tinha nada a ver com o restante do jornal, coordenado pelo Evandro Cunha e Silva. O professor Camilo Filho era o diretor, mas nem aparecia lá. O barato era saber que tinha um jo-

nal que estava andando. E quando abria o jornal estava lá uma página feita pelos "Malicos Hípotes", como gostava de nos chamar. Todo mundo era hippie naquela época por causa do cabelo, da giriz etc. Torquato tomou conhecimento, no Rio, porque, de vez em quando, eu vi-

na a Teresina, passar férias, ou eu mandava umas páginas para tomar conhecimento do que estava acontecendo. Ele pediu para colaborar e comecei a mandar trabalhos. Fizemos várias entrevistas com ele, aquela bagunça. Ele participava de tudo.

Foi na época que começei a transar esse negócios dos filmes. Era tudo ao mesmo tempo. Resolvemos também fazer o Gramma 2.

Era a época de contestação. Tudo estava valendo. Podia pintar um "dedo-duro", e, lembrem-se, o Gramma era um jornal clandestino. Tinha uma coisa facista nele, que acho hoje fantástico. Era aquele negócio de

Albert Piauí - Já havia saído a Fier do Mal?

Arnaldo - Você está enganado a respeito destas datas. O Gramma nº 1 saiu em março de 1972. E em julho/agosto saiu o Gramma nº 2. Torquato viajou em agosto/setembro com o Galvão. Foi depois, em agosto, Torquato só se matou em novembro, no dia 10.

O jornal já devia estar feito. Mas só saiu depois da morte dele.

Arnaldo - Estava feito, só não havia sido impresso.

Exatamente. E também porque estávamos reunindo material. O logotipo e aquela primeira página do Gramma são do Arnaldo. Tenho em casa aquela fotografia que tem a turma toda. A montagem está contigo.

Renard Krueel - Vocês eram felizes?

Muito. Não permitíamos bagunça. Seleccionávamos rigorosamente os trabalhos que iriam ser publicados no jornal.

Albert Piauí - Não só em termos de trabalho mas também de pessoas que queriam participar de grupo.

Arnaldo - Não, era só de idéias.

Era a época de contestação. Tudo estava valendo. Podia pintar um "dedo-duro", e, lembrem-se, o Gramma era um jornal clandestino. Tinha uma coisa facista nele, que acho hoje fantástico. Era aquele negócio de



INSTALAÇÕES COM. E INDÚSTRIA LTDA.

Instalações prediais e industriais

**Linhas de Transmissão • Subestações •
Montagens Eléctro-Mecânicas • Revendedores de
Materiais Eléctricos, Hidro-Sanitários e para
Construção em Geral**

Av. Miguel Rosa, 3779 • Sul • Píçarra

TEL.: PABX (086) 222 3614 • Telex: 86-2245 • Fax: (086) 222 9800

TERESINA - PIAUÍ

milha não vou um sorriso entre dentes, vai bicho desafinar o coro dos contentes, vai bicho desafinar o coro dos contentes let's play that". Os originais são: "Ai Carlos, ser gaúcho na vida...". "Vai bicho desafinar o coro dos contentes". Benedito Nunes, estudioso profundo da obra de Mário Faustino, mostrou muito bem a relação existente entre Mário e Torquato. Mário teve uma influência decisiva no trabalho de Torquato. Tem situações inteiras de Mário. Torquato citava "Triste Teresina...". Pegava tudo. Era um antropólogo atual.

Kenard Kruei - Há, entre as obras de Mário e Torquato, diversos pontos comuns, notadamente na questão da morte. Parece até que se deliciam com isso, por mais paradoxal que seja. Torquato diz assim: "de amar-te, amor-te, morrer". Mário diz: "Não morri de mala sorte, morri de amor pela morte". A morte em Mário é também uma coisa muito concreta.

Ele era depressivo, também. Não vejo mais do que isso. A obra de Mário Faustino é outra que não teve ainda a sua dimensão. É preciso que se faça algo também para que o Mário seja mais lido, estudado, divulgado. Ele é muito bom. O Espaço Cultural Torquato Neto, que iremos criar aqui, deve servir para isso também. O grande ponto de apoio, o grande referencial é o Torquato. Mas, devemos abrir veredas para todo mundo. Uma espécie de museu vivo, com filmes, palestras, debates, jornalinhos circulando, camisetas, folhetos, o diabo. Queria fazer um apelo geral, aqui. Não somos dono dessas obras. Temos carinho, respeito por eles, por suas obras, mas precisamos parar de ficar guardando as coisas em casa. Fotografias, filmes, livros, cartas, tudo deve ir para o Memorial, e se vai ter um curador, gostaria de nomear o Kenard Kruei para o cargo, desde já.

Kenard Kruei - O grande curador se chama Janice Batista, que está aqui.

Acho que tomar conta, cuidar com carinho disso daí é muito mais importante do que ficarmos em casa com um monte de papéis, fotos, documentos etc. queimando a mão da gente. Não somos museólogos. Não sabemos cuidar disso. Papel, a traça come, se dobrar muito, fica velho, desmancha. Todo esse material deve ser encaminhado para um centro de referência catalogar e arrumar bofuntinho. Isto sim, é o melhor tributo que podemos prestar ao Torquato e aos demais irmãos de artes e artesanhas. No dia que precisarmos de alguma coisa, é só ir lá. Não é como ficarmos telefonando pra Ana ou Nacif, pedindo depoimento. Bê, bê, bê... Um dia, vamos todos morrer, portanto está na hora de pegarmos tudo que está na cabeça do Nacif, na minha cabeça e de todo mundo e colocar em vídeo e, se for possível, passar tudo para

CD-ROM, já que temos essa tecnologia e pronto. Estará aí o material preservado. Outro dia farei para a pessoal da minha família. Vamos parar de brigar com esse monte de fotografias do Torquato espalhadas por aí, ele não é mais nosso! Ele ganhou uma dimensão muito maior, vamos pegar esse material e passar para um centro de referência, meu Deus!

Kenard Kruei - Quando falei para o prefeito Wall Ferraz da criação do Centro de Cultura Alternativa Torquato Neto, com toda essa filosofia que você já colocou aqui, ele disse que daria maior força, inclusive prometeu uma casa para abrigar o Centro. O professor Wall, como historiador, sabe da importância disso, e é muito sensível a qualquer iniciativa nesse sentido.

Arnaldo - O Torquato era mais cineasta do que poeta, porque o cara para ser cineasta não perde a poesia. Ele gostava mais de artes visuais, audio-visual, por exemplo.

As letras do Torquato são roteiros, cinematográfico. Gênia Geral é um filme.

Kenard Kruei - O Aderbal falou que o Torquato costumava chegar num bar, sentar, pegar um monte de papéis, escrever, escrever e dar para o primeiro que chegasse perto. Era assim mesmo?

Nacif - Tenho um amigo chamado Oderfla (o nome dele é Alfredo ao contrário) que encontrou com Torquato lá no Lamas, e, nesse negócio de escrever coisas, Torquato escreveu num pedaço de jornal e deu para o Oderfla, que era apenas colega de Última Hora.

Kenard Kruei - A letra de "Meu Coração Vagabundo", por exemplo, é bem torquaticana, não?

Nacif - É não. Por acaso, na época da elaboração dessa música... É do Torquato "Minha Zabelê". Mas, tenho um

disco que só tem o Caetano Veloso como autor dela.

A letra de Inútil Coragem foi revidada pelo Torquato para o Soneto Bizarro. Eu sempre soube disso. Ele, como nunca deu a melhor bola para isso, precisava de grana, peço, fez, vendeu, e pronto.

Arnaldo - Ele me falou. Há uma outra música que o Sérgio Mendes gravou, pagando só os direitos autorais. O Torquato me disse que ele havia dado trinta mil dólares. Não sei qual!

Nacif - Olha, o negócio de direitos autorais nos Estados Unidos é sério.

Arnaldo - O Sérgio Mendes gravou com a autoria de outra pessoa. Só que o Torquato vendeu o direito da música.

Kenard Kruei - A Sarah Vaughan não gravou Pra Dizer a Deus, com o nome de Vinicius de Moraes!

Albert Piaui - O Cartola vendia muito para o Francisco Alves.

Nacif - Ele comprava de todo mundo.

Torquato não entrou muito nisso não. Pode ter sido uma música ou outra, num sufoco de grana.

Kenard Kruei - É Minha doce namorada?

Ele ganhou um dinheirinho razoável com os direitos dela. É preciso alguém pesquisar isso, na Globo. Era a música incidental, daquelas que compõem o personagem. Não sei se era o tema da Regina Duarte. "Minha namorada tem segredos". Como é que é mesmo? O Augusto de Campos cita e até pega as palavras e joga um pedaço para cima, outro para baixo. Uma música que ele fez para a Ana, será que é essa?

Nacif - Quem gravou foi Gal Costa, que se chamava Maria das Graças.

Ela se chamava Gracinha. Ia muito na casa da tia Dulce, no Rio.

Nacif - Na Almirante Guinle.

Na casa de tia Dulce, em 72. Torquato estava num grau de alcoolismo fantástico. Fiqui de babá dele e, num momento de

desorientação, disse que tinha uma vontade danada de ter aquela letra de "pra fazer festa ou cantaria com você perto de mim a casa mais linda que existe é ter você perto de mim".

Arnaldo - Chama-se a "Coisa mais linda que existe", e ele fez pra FENIT.

Nacif - E meio brevo essa música...

...ai, pegou um papel, ele foi ditando, eu anotando os versos. Tinha um negócio lá que ele esquecia. Ai dizia "Lê de novo"? Eu lia - "Ai, lê de novo"! Eu ia botando. O Torquato era um irresponsável para decorar as coisas dele. Tu lembra, Arnaldo, que quando íamos no carro, geralmente ele ia cantando as músicas dele para não esquecer? E esquecia tudo.

Kenard Kruei - Go Back tem várias versões. Os versos aparecem em outras letras, numa coisa que ele sempre fazia tanto em verso quanto em prosa.

Go Back só tem uma versão. O resto foi a turma que fez adaptações. O Geraldo Brito, aqui, foi quem primeiro colocou música nela, bem antes do Titãs. Bom, mas aí estávamos na casa da tia Dulce e ela pediu para termos cuidado com o Torquato porque se vacilasse ele podia beber todas e, ai, fazer besteira. Torquato estava naquela fase de não poder tomar um gole que completava a dose de álcool que já tinha na veia e entrava em transe. Ele parava. Eu tinha que ficar acordado. Me lembro que, com um sono desgraçado, ficava acordado, olhando para ele deitado numa cama. Um dia, adormeci. Quando acordei, Torquato tinha sumido. Foi um inferno louco. A tia Dulce chegou do trabalho (estávamos todos com ar de doido), entrou no banheiro e encontrou os vidros de perfume vazios. Tinha bebido todos. Estava cheirosíssimo por dentro. Encontramos dois dias depois numa sarjeta, perto de um boteco que frequentava, todo rasgado, ensangüentado. Deve ter brigado. Levamos com cuidado para casa. Dentro do táxi, falava assim: - "É preciso acabar com esse medo de morrer. Existe um momento que a gente define que está na hora. Jesus Cristo não definiu? Jimmy Hendrix não definiu? Janis Joplin não definiu? Tá na hora de acabar. Não tenho mais muita coisa a dizer. Qualquer hora está na hora de acabar". Ele já estava com esta história, ó! Hoje quando pegamos a obra dele, tudo remete para isso, não é?

Albert Piaui - "Desde que sai de casa trouxe a viagem de volta gravada na minha mão"...

Essa, vi ser feita. Estava lá.

Kenard Kruei - Essa história me lembra "Deus vos salve esta casa santa", quando "um bom menino perdeu-se um dia entre a cozinha e o corredor" e "o pai deu ordem a toda família que o procurasse e ninguém achou" a mãe deu

Album de família



É PRECISO QUE SE FAÇA ALGO PARA QUE O MÁRIO FAUSTINO SEJA MAIS ESTUDADO E DIVULGADO. ERA OUTRO DEPRESSIVO.

MULTIMÍDIA

Shopping



**ATÉ QUE ENFIM CHEGOU
O 1º SUPERMERCADO DE INFORMÁTICA DO PIAUÍ**

Av. N. S. de Fátima, 2222(RB CENTER) Fono: (086) 233-1157 Teresina - PI

BARULHO

DISCOS

Bote na sua cabeça ...

na sua visita semanal às lojas da Barulho, vá direto às Promoções e aos CD's mais baratos. Seja INTELIGENTE/SABIDO, é Claro! O Barato da Barulho Continua sendo o preço.

*Não deixe de reparar nos selos **Branco e Rosa**

*Na **Barulho Discos** com o preço de 01 camisa barata - aquelas do mercado Central - Você compra um saco Cheio de CD's.

***USE O PRAZO GIGANTE**

*Vendemos, pelo menor preço, Atacado para todo Piauí e Maranhão.



BARULHO: 01: Rua Barroso, 441/Norte Fone 221-7372

FoneFax: 221-4355

BARULHO: 02: Rua Elizeu Martins, 1123 Fone: 221-7372

e sair para outro tipo de pensamento. Em Torquato, a obra se confunde com a existência. Ele fez questão de dizer isso com a maior clareza do mundo quando abriu aquele gás. Ele estava assinando em baixo. Não estava brincando. Quando o sujeito se mata, se mata porque tem uma convicção muito séria. Se mata com vontade de dizer, estou assinando com sangue aqui. Dizendo assim, estou morrendo por que estou querendo dizer que o que falei, o que escrevi é o que penso. É no que acredito. Acho que esse radicalismo é exagerado. Você pode construir uma obra poética sem se matar. Ele chegou até a confundir a obra com ele. Ele foi o poeta maldito por excelência. A grande contribuição do Torquato

é exatamente o resgate à vontade dele de deixar uma obra em que ele aqui acabou. Ou você acredita no que está fazendo ou não estará fazendo obra literária/poética/cultural nenhuma. Esse livrinho do O. G. Régio de Carvalho tem um texto que acho ótimo. Você mostra as vicissitudes e as pessoas gostam ou não gostam. Ou você mostra as vicissitudes e se expõe inteiramente e a crítica pode bater e pode gostar, ou você não estará fazendo nada. Você estará fazendo versinhos. A grande maioria dos poemas atuais e antigos era de versinhos muito sorridentes, bonitinhos, bacaninhas etc. Mas, empenhar a

vida na coisa, é complicado. É muito difícil. Para começo de conversa, ele nunca deu bola para dinheiro.

Nacif - Lembro até hoje o Heli no Rio, e uma vez ele perguntou como é que eu fazia para ter dinheiro no bolso se o Torquato nunca tinha. A minha saída foi dizer que eu era carcamano.

Já viu carcamano ficar duro? Carcamano vai à luta. Mas o Torquato foi esse cara desligado e apostava nos projetos todos. O Torquato se largava do Rio para cá para fazer filme que sabia que não ia render coisa nenhuma. Torquato ficava louco pedindo,

pelo amor de Deus, pra tia Marlene, pra família toda, um dinheirinho pra comprar um rolinho de filme. Ai todo mundo contribuía. Ele chegava pra mim e dizia assim: "Estou com três rolinhos de filmes, vamos rodar hoje?" Vamos!... O Arnaldo era o câmara que entendia de visual.

Arnaldo - Quem fez a montagem foi eu e o Galvão. Ele fez o roteiro, que foi publicado no Gramma.

Aquelas bandeira sumiram, né?

Arnaldo - Dei de presente! Mas, sei, o material para refazer. Agora, paciência tinha o Torquato. Ficava deitado na rede cheirando tetracloroetileno.

Ele adorava lança-perfume. Uma das

coisas que mais vi foi o Torquato curtir lança-perfume. E o Torquato ainda é do tempo da Rodoro, que se vendia nas ruas de Teresina, ali na frente do Teatro 4 de Setembro. Na rua, no chão, o camelô vendia numa boa. Você escolhia e comprava junto com a serpentina, confete. E ninguém era viciado naquela porra! Não sei porquê é quem achou de proibir aquilo! Foi o Jânio! Gostava de beber Wisque.

Albert Piau - O meu pai me dava lança-perfume de presente.

O meu também.

Nacif - Os nossos pais também jogavam no meio das me-

ças...

Gilberto Hidd - Tinha aquele curso que passava ali na rua Paissandu, cortava a praça Pedro II e subia em direção à avenida. Aquelas meninas da Paissandu com as saias jogadas, assim, na calçada...

Ah, tem uma outra coisa Nacif. Esse depoimento você vai ter que dar. Torquato no carnaval. Você e Torquato vestido de mulher...

Arnaldo - Eu tenho a foto.

... com guarda-chuva, de melindrosa, e aí ele saía e pensava que ninguém ia identificá-los. Pintavam a cara com carvão e



Jota A.

**O JÂNIO QUADROS
PROIBIU A VENDA
DE LANÇA-
PERFUME PORQUE
O QUE ELE GOSTAVA
MESMO ERA DE
TOMAR PORRE DE
WHISKY.**

CRIATIVIDADE COM QUALIDADE TOTAL

Display
Adesivos
Calendários
Logomarcas
Painéis
Fachadas
Anúncios
Adesivos
Calendários
Logomarcas
Painéis
Fachadas

et cetera



InfoGraf

Av. José do Santos e Silva, 1471/309
Fone: 223-5081/Fax: 233-3004

passavam ali no curso. Ai passavam aquelas figuras engraçadas. Daí a pouco vinha a turma e fazia aquela bagunça infernal, era um negócio de dar beijos, fingindo que era mulher. Lembro que, uma vez, a vovó olhou para baixo e viu aquele pé 44 (Torquato tinha um inconfundível) e disse: "Torquato?" - "Oh, vovó, cala a boca! Estava indo tão bem, pensando que ninguém tinha descoberto!" Lembro dele com uma sombrinha, melindrosamente, fazendo as maiores malandragens.

Arnaldo - Uma coisa que faz parte de nossa vida é o Clube dos Diários. Lembro de vocês nas tertúlias de domingo, na praça Pedro II, e tinha aquela transação de pedir licença pra dançar com as meninas, e vinha o pai e a mãe e a menina... - "Você deixa eu dançar essa parte"?

O problema era ela aceitar. Você ficava olhando até que ela cedia, mas tinha que vir pelos pais.

Arnaldo - Aquela relação que você falou do yê, yê, yê com o D'Clivers. Eles vieram e fizeram um arraso na cidade.

Foi um inferno, na época, as meninas davam as coxas para autografar. A filha do Lucídio Portella, a Cassandra...

Nacif - Vocês não podem deixar de ouvir o Vidal Araújo. Ele foi o nosso professor de luta livre, de judô.

O Vital Araújo conhece tudo de Torquato. É um outro lado. Foi ele quem foi ao Rio transladar o corpo do Torquato. E tinha uma relação totalmente diferente com o Torquato. A tia Marlene e minha mãe tinham

boas relação com o Torquato.

Arnaldo - A Erundina viajou naquele negócio Brasil/Estados Unidos. Ai ela chegou com uma dança e eu gravei na câmara "ALI ONDE A ERUNDINA FAZ O SHOW", que está no roteiro que montamos baseado no que ele escreveu. Acho, assim, uma questão de carinho. Torquato era muito carinhoso.

Demais

Nacif - Tíhamos um clube, aqui, na casa dele, na Coelho de Resende. Era uma casa pequenininha, mas tinha um bruto de um quintal. Tinha várias mangueira. Éramos, mais ou menos uns dez meninos. Essa é uma parada ótima, genial! Ai nós resolvemos fazer uma quadra de vôlei, roubando os tijolos da casa da frente. Acordávamos todos os dias às 4h da manhã e botávamos os tijolos lá por dentro pra poder fazer a quadra. E o Heli adorava aquele negócio. - "De onde é que estão tirando os tijolos?" - Estamos nos cotizando e comprando. Depois que colocamos todos os tijolos, o cara, que estava vendo tudo, todas as noites, foi lá cobrar. Apresentou a conta ao Heli.

O quintal era fantástico. Tinha lá uma quadra que ficou até quando Torquato fez uma plantação de maconha.

Kenard Krue - Você pode falar disso?

Não. Agora não. Isso é outra história. Agora já está todo mundo bêbado. Vamos embora, que o dia está amanhecendo.



Leonel Franca

LIVRARIA E PAPELARIA

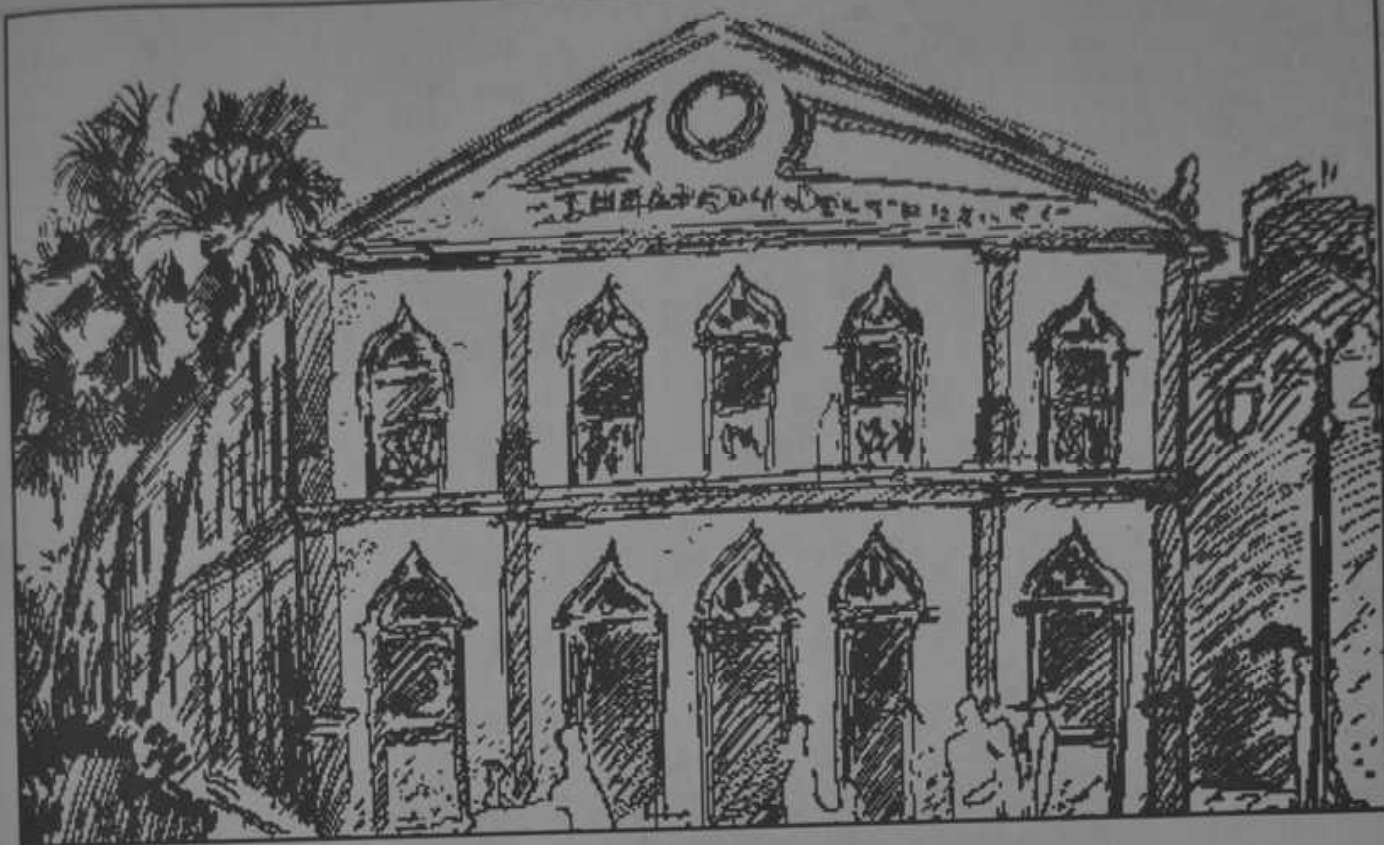
NOVAS INSTALAÇÕES

AUTO REX

Peças e Acessórios para Autos

Av. Miguel Rosa, 4344/Sul
Fone: 223-4403 • Teresina - PI

RUA BARROSO, 353
FONE (086) 221 5994



OS TRÊS OLHARES INQUIETOS

RUBENS LIMA, PROVIDÊNCIA E ARIMATAN MARTINS ASSUMEM A DIREÇÃO DO 4 DE SETEMBRO.

ANNA KELMA GALIAS

O Teatro piauiense prepara-se para dar uma guinada de 360 graus. Talvez nem tão radical assim, mas a adoção de um novo modelo de gerenciamento do Teatro 4 de Setembro, a mais importante casa de cultura do Estado, pode ocasionar não apenas uma séria reflexão sobre o fazer artístico como revolver as entranhas do atual esquema de apresentações no lugar. O processo está sendo desencadeado por uma profunda mudança administrativa que pretende alterar as regras do jogo nas vésperas de sua prometida reforma. O estopim da mudança que se anuncia foi acendido na posse de três cavaleiros que não guardam nenhuma similaridade com aqueles outros, iconoclastas do apocalipse. Arimatan Martins, o controverso diretor da peça "Raimunda Pinto, Sim Senhor!", sucesso de público há dois anos, o cantor e psiquiatra Rubens Lima, além de José da Providência, que há mais de dez anos está completamente entranhado com o sobedre das cortinas do Teatro, respondem agora pela casa. Nada indica que será a repetição da fórmula um é bom, três é demais. Pelo contrário: será a instauração de uma química que privilegiará a integração entre as partes no melhor do modelo três em um. Numa palavra, gerência simbólica.

José da Providência, mentor da idéia, prefere dizer que o modelo é apenas de administração participativa. Com razão. Os atuais modelos de administração de empresas (e em última instância os novos diretores querem que o Teatro se assumam como tal) já decretaram a falência do modelo de centralização incorporado a paque do administrador brasileiro a exemplo de outros, fundados no mais puro autoritarismo burocrático. "Quando você centra a administração num só diretor, isso, de imediato nos informa uma coisa: ou aquilo foi feita de uma forma puramente aleatória, por mecanismos outros de desinformação, ou essa casa está

trabalhando única e exclusivamente para se tornar uma casa distribuidora de produtos, o que significa que ela vai única e exclusivamente marcar datas e esperar com as portas abertas que alguém chegue e ocupe-a", questiona, categórico.

Providência explica que o modelo escolhido para o Teatro 4 de Setembro pode ser chamado de "a clássica direção de administração de espaços culturais". Segundo ele, não se trata de um arranjo para acomodação de uma diversidade de egos, mas no estabelecimento de um "tripé funcional", expressão que sustenta subentendida a operacionalização de três equipes distintas e interli-

gadas: a administrativa, a técnica e a artística. Três equipes funcionando de maneira independente mas atuando por contigüidade. Nessa proposta, a equipe artística elabora os projetos da área cultural, enquanto a administrativa gerencia as instâncias de recursos humanos e a técnica assegura a viabilidade desses projetos. José da Providência garante que o tripé será uma resposta inteligente às necessidades do Teatro que possui 650 lugares. "Toda a estrutura administrativa de uma casa é pensada em razão de sua capacidade de público", diz. Casas com um pouco mais de 700 lugares já merecem mais de 7 diretores, como o Teatro Municipal do Rio.

José da Providência nega que os três poderes possam gerar algum conflito. "Não serão compartimentos estanques ou isolados. Se nós considerássemos cada direção como um compartimento estanque aí nós teríamos divisões que você não ia poder conciliar", diz. Ele explica que uma direção depende do funcionamento da outra. "Existe uma equipe que trabalha em conjunto", sintetiza. Rubens Lima, que assume o volante da administração do Teatro, concorda com o triunvirato. "Mesmo com o fato de sermos diretores diferentes há sempre pontos em comum", defende.

A tese tem uma defesa simples: o Teatro não pode ficar semanas fechado esperando que o produtor cultural procure a « para marcar datas de espetáculos. O que era uma velha tradição local já é coisa do passado. "Hoje o Teatro possui uma dinâmica totalmente diferente", explica José da Providência. A função de diretor administrativo existe justamente para mudar os antigos vícios. É ele quem vai propor os projetos. "A gente vai incentivar espetáculos de bom nível que possam colaborar para o avanço na produção feita no Piauí", diz Arimatán Martins.

Com a mudança, não existirá mais o "marcador de pautas" que será substituído pelo cadastro de solicitação de pautas com cerca de 90 itens de informações e solicitações formais ao produtor. Depois de preenchido, a pauta será analisada por uma comissão formada pelos três diretores em parceria com o supervisor técnico do Teatro e administrador de palco, num prazo máximo de duas semanas. A partir daí será possível formular uma grade de programação mensal do Teatro. Arimatán Martins, 35, diz que agora o produtor cultural só poderá marcar uma pauta na casa de espetáculos se apresentar um projeto completo, incluindo material de divulgação para imprensa. "Ele tem que preencher todos os requisitos necessários e se enquadrar dentro desse novo funcionamento do Teatro", diz. O diretor administrativo Rubens Lima, explica que de acordo com os critérios de marcação de pautas, o produtor tem que fazer uma solicitação ao Teatro através de ofício. "A pessoa recebe uma cópia do cadastro de solicitação e preenche todos os dados a respeito do espetáculo, como elenco, aparelhamento técnico que o espetáculo precisa", diz. Segundo ele, o Teatro 4 de Setembro estará funcionando nessa primeira fase de forma precária. Os espetáculos que forem se apresentar terão que arcar com as despesas de iluminação, som e recursos humanos como porteiro, bilheteiro e camarão. "Mas a intenção, quando se coloca um cadastro desse tipo, é discutir com os produtores dos espetáculos, a sua viabilidade, inclusive junto ao público", diz.

José da Providência nega que vá existir alguma restrição a espetáculos que possuam, aparentemente, um pequeno público. "Não se colocou isso. O que estamos discutindo é a base do teatro-empresa. O Teatro 4 de Setembro precisa se preparar para o futuro próximo e o futuro próximo se chama teatro-empresa onde o teatro precisa se manter", diz. Segundo ele não vai existir uma elitização do usufruto do espaço, mas uma exigência maior sobre os espetáculos que utilizarão a casa. "Isso vai possibilitar que os produtores comecem a discutir sobre a necessidade dos espetáculos atingirem real-

Araldo Albuquerque



José da Providência...

Araldo Albuquerque



Rubens Lima e

Araldo Albuquerque



Arimatán Martins: ordem na casa

O QUE MUDA NA NOVA ADMINISTRAÇÃO

NOVO PERFIL ALTERA SISTEMA DE MARCAÇÃO DE PAUTAS.

mente o mercado. O que não podemos é aceitar um espetáculo que tenha apenas a intenção de auto-exibição. Esses sim, serão questionados, mas eles nunca serão barrados. A gente pretende apenas abrir um campo de discussão para que os produtores percebam o público é uma coisa que não pode ser deixado de lado em razão da mera auto-exibição. Isso aqui não queremos", conclui. Arimatán concorda. "Mesmo que o trabalho não tenha uma grande qualidade, pelo menos, consiga se tornar fluente dentro desse processo", diz.

Os critérios servirão para analisar a qualidade dos trabalhos a serem montados no espaço mais nobre da cidade. Mas, segundo Arimatán Martins não existirá uma censura estética. "A preferência é que esses trabalhos tenham uma qualidade para ocupar o Teatro", diz. Para Arimatán, os espetáculos poderiam fazer um trabalho de base na cidade antes de chegar até o Teatro, se apresentando em pequenos auditórios como o Madre Escobar e o da João XXIII. As pautas serão divididas trimestral, semestrais e anuais. "É dentro desse esquema, teríamos as pautas eventuais, mais rápidas, para preencher esses espaços", explica. Amparando essa proposta, o secretário de cultura Osmar Júnior pretende implementar uma política de valorização desses espaços, equipando-os com apoio da secretaria de educação. "A medida em que se equipa isso e dá uma certa dignidade, ela se torna uma atração interessante", diz, citando o seu próprio exemplo. "A Rainuda Pinto (peça que dirigi) já

se apresentou sem nenhuma estrutura em todos esses espaços", conta. Ele acredita que se a proposta do secretário der certo, esses espaços poderão ser novos pontos de atração para os públicos.

PROJETO SEIS E MEIA.

O Projeto Seis e Meia deve ser transferido para a responsabilidade da Fundação Cultural do Piauí onde vai funcionar sob a coordenação da cantora Ana Miranda.

NÚCLEO DE PRODUÇÃO DO THEATRO.

O núcleo será reformulado para atuar como a base da nova proposta da casa principalmente na área de produção de eventos como cursos e exposições.

MARCAÇÃO DE PAUTAS.

Não funcionará mais por datas. O produtor levará projeto de espetáculo para ser apreciado por uma comissão interna e se aprovado ficará a espera de uma vaga.

ARIMATAN MARTINS QUER ARRUMAR A CASA.

Arimatán Martins, 35, vai priorizar a disciplina em sua atual função junto ao Teatro 4 de Setembro. Ele diz que os artistas piauienses são muito talentosos mas deixam a dever quando o assunto é planejamento.

to. "O Teatro pode ajudar nesse sentido a medida em que ela recupera o seu nível e puxa para cima a qualidade dos trabalhos", explica. A disciplina vai começar pela marcação de pautas, num processo minucioso que substituirá a atual marcação de datas. "Vamos exigir certos critérios até a nível de organização, como por exemplo, cada artista ter seu book, com reelease de jornal, proposta de montagem, fotos, vídeo", revela. Segundo ele, a nova proposta já está dando resultados. "Tanto é que a toda hora chegam projetos muito bem feitos. E isso não é hábito deles", diz orgulhoso. Ele revela que sua intenção principal é arrumar a casa. "Na verdade, fazer uma plataforma de lançamento", brinca.

Arimatán Martins entende do assunto. Ele começou a trabalhar como ator em 79 na peça "O Reino do Mar Sem Fim", de Francisco Pereira, sob a direção de Tarcísio Prado. "O Chico estava na plateia e adorou", conta sorrindo. "Muito generoso ele". Seus planos incluem a cidade maravilhosa e no início da década de 80 foi estudar artes no Rio. Na época foi aluno de ilustres como Domingos de Oliveira, Jônatas Neves, Hamilton Vaz Pereira. Ele diz que foi indicado para a direção do 4 de Setembro como reconhecimento do seu trabalho junto ao teatro do Piauí. Agora, na direção artística no Teatro, ele quer investir na expansão da dança. "Aqui esse movimento é muito fraco e não tem a densidade que a dança tem hoje. A dança do Piauí é academias, uma dança feita há três mil anos e que não houve nenhum avanço nem mudança de fórmula", diz. Outra proposta é fortalecer o binômio formação/informação facilitando o acesso dos artistas a novidades.

RUBENS LIMA É A PROFILAXIA CULTURAL.

O atual diretor administrativo do Thea-

no 4 de Setembro é o mais velho da turma. Aos 43, ele sabe que vai precisar de muita experiência para debelar os problemas críticos acumulados em 100 anos de funcionamento. Ele diz que sua intenção é buscar soluções viáveis. "O que o Theatro precisa é estar sintonizado a uma ótica mais moderna, mais atual, mais sintonizada com o que acontece ao nosso redor", defende.

Rubens Lima começou sua carreira artística em 1974 cantando "Determinação" no festival de música universitária. Na época atuava como ator em peças estudantis da periferia. O seu primeiro trabalho como ator foi na "Cabeça de Cua", no final dos anos 70, produzido por Tarcísio Prado e dirigido por José da Providência. "Era a primeira peça a fazer um estudo sobre a técnica brechtiana no Piauí", revela. A carreira foi interrompida para priorizar a sua formação acadêmica no sul do país. Quando retornou a Teresina em 86, não demorou a pegar de novo o ritmo marcando presença no cenário musical com três grandes shows. Em 1990 fez "Ese Obscuro Objeto da Canção", com direção de Viriato Campelo. Em 1992 emplacou "Cole Porter Is The Top", que permaneceu em cartaz até o ano passado. Agora, Rubens trabalha o seu novo show, "Standard", já apresentado em várias casas noturnas de Teresina.

Rubens não sabe como seu nome foi parar na mesa do atual secretário de cultura Omar Júnior. "Eu sei que meu nome já havia sido sugerido para substituir Ailton Martins durante o governo Alberto Silva", diz. Desta vez, o convite foi formulado diretamente pelo próprio Omar Júnior. Ele diz que dirigir uma casa como o Theatro 4 de Setembro não será nenhuma dificuldade. "Eu já tenho uma afinidade muito grande com o Theatro devido a minha longa convivência com os antigos diretores, inclusive, com seus problemas", diz. Inserido dentro de um modelo que comporta três diretores, Rubens não

vê nenhum problema para engatar suas ideias. "O bom desse trabalho é termos muitas afinidades", diz.

JOSÉ DA PROVIDÊNCIA E A DEFESA DO OFÍCIO ARTICULADO.

As ideias sobre como administrar o Theatro 4 de Setembro foram sendo construídas minuciosamente ao longo de quase quinze anos envolvido com a casa de espetáculos. José da Providência Pinto de Carvalho, 36, tem uma longa história. Ele começou a trabalhar com teatro em Teresina em 1975, aos 22, como diretor da peça "Transe", do autor gaúcho Ronald Radó, ganhador de vários prêmios na época. Em 89, parou de dirigir para se dedicar a administração do Theatro 4 de Setembro. "Uma coisa foi praticamente concomitante a outra", conta, acrescentando a falta de dificuldades na transição. "Foi transferindo a experiência que eu tinha na direção de espetáculos para direção de casa de espetáculo", diz. José da Providência reforça a ideia de que uma função completa a outra. Ele argumenta que é impossível fazer uma administração teatral sem ter experiência de direção. "Isso aí não sou eu que falo mas todas as escolas de artes cênicas hoje", diz. Ele cita os estudos técnicos feitos pelo IBAC e pela Oficina Pernambuco de Oliveira, que realçam esse ponto de vista. "Nenhuma dessas estudos pressupõe a administração de uma casa ou que o administrador não tenha um perfil ligado a uma formação cultural e teatral", defende. José da Providência afirma que nenhum administrador descobrirá um bom trabalho frente a uma casa de espetáculos se não possuir um perfil identificado com essa atividade. "É uma coisa que está intimamente ligada a uma área de cultura específica, onde se você não tiver isso, dificilmente você conseguirá bons resultados", analisa.



PACATUBA

LIVRARIA PACATUBA
Rua São João, 1185 e no CCHI
Fone/Fax: 222-2363

CASA DÔTA

FUNDADA EM 1888

Parafusos, ferragens
e ferramentas em geral
Rua Felix Pacheco, 1071
Praça Saraiva
Fone: (086) 221-2696
Fax: (086) 221-1231

TERESINA - PIAUÍ

BookStore

A LOJA DO LIVRO

AV. N. S. DE FATIMA, 2671 - ININGA/SALA 9 - 1º ANDAR
FONE (086) 233 - 4797

Quase todos os funcionários da Superintendência do Banco do Brasil no Piauí, que ocupa todo um andar do prédio da agência central de Teresina, tem um computador em casa. Não é que eles tenham decorrido em massa reproduzir em casa o clima de trabalho no banco, ou queiram exibir status. O piracuruquense Antônio Magalhães, 45 anos, assessor da Superintendência, conta que não se vale se quer de 1% das opções de uso do seu computador 386. Quem mais se utiliza dele é sua mulher e seus filhos mais velhos de 19 e 17 anos. Ela para manter em dia a correspondência da família; os filhos, para fazer trabalhos escolares.

"O preço de um computador caiu tanto nos últimos tempos que hoje é praticamente o preço de uma máquina de escrever elétrica. Então entre comprar uma máquina de escrever para casa e um computador, que ainda serve para que as crianças se preparem para o mundo da informática que eles vão encarar, é melhor adquirir logo o computador", justifica Magalhães, que faz questão de afastar qualquer ideia de qualquer exibição de status. "O computador não se presta para mostrar status, porque você não pode andar com ele na rua como se faz com um carro importado, um telefone celular ou uma caneta Montblanc, que formam, o kit como se diz, babaca".

Entre o dia 20 de dezembro e o final de janeiro, quando fez uma promoção, o comerciante Luís Alberto Teixeira Sanchez, 40 anos, da Multimídia Informática, no Jockey Club, vendeu 157 microcomputadores 486 com impressora laser, ao preço de R\$ 2.700,00, pagáveis em 12 meses, através de cheques pré-datados. Ele está fazendo a entrega na medida em que os computadores chegam de São Paulo, e tem lista de 50 pessoas à espera de que a promoção reabra. A loja oferece máquinas, softwares (programas) acessórios e jogos, foi inaugurada exatamente em dezembro, seis meses depois que Luiz Sanchez ter lançado a Multimídia Curso de Informática, no mesmo centro comercial - o RB Center, na avenida Nossa Senhora de Fátima. Suas turmas limitadas a 13 alunos por sala, estão também com lista de espera, o que levou a pressar o plano de abrir uma filial na avenida Frei Serafim. "Dentro de um mês a filial estará funcionando", promete o empresário, que nunca esperou crescimento tão rápido para o negócio. "Não é nem crescimento rápido, é vertiginoso", comemora Luiz Sanchez, um paulista que chegou a Teresina há poucos anos, para abrir filial da empresa do irmão do ramo de metais. E que decidiu partir para o próprio negócio.

Esse são aspectos da maneira como se manifesta no Piauí a massificação da informática na sociedade brasileira - algo que leva o país a contabilizar entre 4 a 5 milhões



Luís Alberto: venda de 157 micros em um mês de oferta.

O PIAUÍ NA CORRIDA AO COMPUTADOR

BENONI ALENCAR

de computadores de todos os portes, contra 10 mil que possuía 20 anos atrás. O que é muito pouco ainda se considerarmos que no mundo existem 400 milhões dessas máquinas que estão causando talvez a maior revolução tecnológica da humanidade. Elas ficam cada vez mais baratas e chegam a todos os lugares e áreas da vida humana. O bancário Magalhães acredita que daqui a 10 anos comprar um computador vai ser tão simples quanto comprar um relógio de pulso.

E um relógio de pulso era coisa tão rara em Teresina, 40 anos atrás, que o relojoeiro Luiz José de Sousa, o Luiz Cabelo Duro, lembrado pelo H. Dabal no livro "Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina", se recusava a consertá-los considerava-os "moda idiota".

A banalização da informática é inesorável. O aparelho de fax, que se comprava três anos atrás por US\$ 3 mil, não passa hoje de US\$ 300. O espanto é maior quando se compara o preço do primeiro computador lançado no mercado, em 1942, pela IBM. Custava uma fábula de US\$ 100 milhões. "É era 10 mil vezes mais inferior, em armazenagem de informação e velocidade, os note book, que custam entre US\$ 2 mil a 3 mil", observa e analista de sistema Marcos Curralo Júnior, 45, professor de informática da Universidade do Estado do Piauí. O note book é um computador portátil, que profissionais e executivos usam hoje no avião ou no carro, para se manter trabalhando. Um alto funcionário da Agespisa, por exemplo,

carrega um deles todo o dia, esteja onde estiver. Com isso, ele se mantém em conexão com a rede de computação da empresa e faz todas as intervenções necessárias.

Segundo Curralo Júnior, que é analista de sistema da Agespisa, o note book está produzindo no mundo o conceito de telework, ou seja, o trabalho sem necessidade de ir ao escritório. "O que vai causar o desenvolvimento do centro das cidades, porque menos gente terá necessidade de ir ao centro, e até tornar dispensável as empresas terem prédios e sede", ele poderá, lembrado que é através de uma dessas máquinas que um dos mais ricos empresários dos Estados Unidos, Bill Gates, comandando sua poderosa Microsoft. Gates é um quarentão que em 1970, aos 18 anos, fabricou um microcomputador no quintal de casa. E entricou como criador de programas de computador, entre os populares DOS e Windows.

É praticamente impossível que alguém aos 148 municípios do Piauí não conte com pelo menos dois ou três computadores. E pelo menos 10 dessas cidades, incluindo a capital, oferecem a aprendizagem de informática, através de curso. Teresina conta com 4 escolas. E Curralo Júnior não acredita que não denotará dois anos sem que a Escola Técnica Federal do Piauí tenha de abrir seu curso. Ele é de opinião que o Estado deve adotar o quanto antes a informática como matéria obrigatória no ensino de segundo grau, na escola pública. "O ensino da informática na escola pública deveria ser encarado como uma tarefa tão importante quanto a língua Portuguesa ou Matemática, pois a sociedade com a qual os cidadãos de amanhã irão conviver será uma sociedade totalmente automatizada", argumenta esse paulista, que chegou a Teresina em 1987. "Saber utilizar um computador ou, pelo menos, conhecer um processador de texto ou uma planilha eletrônica será, no futuro próximo, uma atividade trivial quanto operar um telefone ou vídeo cassete".

A disseminação do êxito da informática tem outros sacerdotes. Um deles é padre Pedro, comprador de sete dos computadores vendidos na promoção da multimídia, e sacerdote vai abrir um curso de informática para adolescentes e jovens da favela de Vila da Paz, na zona Leste. Padre Tony Batista, da igreja de X. S. de Fátima, no Jockey, está envolvido na mesma missão. Planeja espalhar o ensino da informática por várias comunidades pobres, e consegue a colaboração de Luiz Alberto Sanchez, o dono da Multimídia, que está treinando os primeiros 10 jovens que se tornaram instrutores do projeto do padre Tony. O empresário se mostra entusiasmado com o trabalho dos padres e com a sua própria colaboração. "Quanto mais cabras, mais cabritos", fala.

II CONCURSO DesLivreS DE POESIA

GELÉIA GERAL

Um poeta desfolha a bandeira
e a manhã tropical se inicia
resplandece candente fagueira
num calor girassol com a alegria
na geléia geral brasileira
que o jornal do brasil anuncia.

TORQUATO NETO

REGULAMENTO

INSCRIÇÕES: de 15 a 25 de março na Livraria DesLivreS (JOCKEY) ou na Locadora DELIVROS (MARQUÊS)

CATFGORIAS: Alunos de 1º e 2º Graus

PREMIAÇÃO: 19 de abril

Coquetel na DesLivreS, recital de Poesia, exposição dos poemas

PRÊMIOS: 1º Grau - 1º Lugar - R\$ 50,00 em dinheiro/ R\$ 50,00 em livros
2º Grau - 2º Lugar - R\$ 50, 00 em livros

1º Grau - 1º Lugar - R\$ 50,00 em dinheiro / R\$ 50,00 em livros
2º Grau - 2º Lugar - R\$ 50,00 em livros

OBS: Os quatro Poemas vencedores serão publicados nos jornais de Teresina.

CRITÉRIOS DE PARTICIPAÇÃO: Cada concorrente pode participar com três poemas no máximo.

LIMITE DE IDADE: 20 anos

ENTREGA DOS POEMAS: Em três vias sem nome ou psudônimo, na Livraria DesLivres.

ANEXO: Ficha dos concorrentes com Nome, Idade, Escola, Fone e Endereço.

COMISSÃO JULGADORA: Será composta por profissionais da área; Professores, Críticos Literários e Poetas.

LIVRARIA

Av. Nossa Senhora de Fátima, 2222

JOCKEY - RB-CENTER Loja 09

Fones: 232-7998/233-1291

**DLIVRARIAS
DESLIVRES**

Os melhores livros pelo menor preço

LOCADORA

Alameda Parnaíba, 2255

MARQUÊS

Fone: 223-3358

A sensação foi a de que tudo tinha acabado. No primeiro dia de janeiro, os carros de distribuição do jornal O Estado despejaram nas bancas de Teresina os exemplares de um novo jornal, o supercolorido Meio Norte, que trazia no espaldete o mesmo endereço da outra publicação, o mesmo diretor-executivo (Ademar Bastos), e o mesmo editor (Jairmaria Arredes). Na verdade, todo o pessoal do Meio Norte era o mesmo de O Estado, do gráfico aos jornalistas. Nesse mesmo dia, os mesmos carros distribuíram ainda uma magra edição de O Estado - a última.

Os assinantes de O Estado passaram a receber os exemplares do Meio Norte, junto com o pedido para assinar a outra publicação. Nas bancas, o leitor desatento que pedisse O Estado receberia o outro jornal, sem qualquer explicação. Sem mesmo duas notícias publicadas no Meio Norte, explicando que aquele jornal nada tinha a ver com o outro, tiveram força de convencer o leitor de que uma publicação nada tinha a ver com a outra. Nem parecia ter sido este o interesse dos redatores das notas. Se houvesse tal intenção, haveria recursos mais poderosos, como notas oficiais na primeira página - isto, já no primeiro dia. Parecia o fim de O Estado, o segundo diário mais antigo da imprensa piauiense.

Mas não seria ainda dessa vez que o jornal fundado pelo jornalista Helder Feitosa - assassinado em 1987, em crime até hoje não desvendado - iria dar adeus aos leitores. O jornal estará nas bancas de novo na primeira quinzena de março. A interrupção da circulação não passou de produto de uma escaramuça comercial que não resistiu ao trabalho de um bombeiro, o advogado Luiz Gonzaga Viana, 57 anos. Os contendores: o empresário Paulo Guimarães, 58, arrendatário do jornal O Estado desde o início de 1995, e a viúva de Helder Feitosa, Teresinha Cavalcante, 45.

Paulo Guimarães, dono de uma emissora de TV e duas de rádio, estava preso ao repêgio por um contrato com validade de oito anos. As cláusulas: 1) pagar pesadas dívidas contraídas pelo O Estado em seis anos de desastrosa administração de Teresinha, após a morte do marido; e 2) entregar a ela todos os equipamentos e cinco mil dólares. Compromisso que Guimarães saiu rigorosamente durante o ano e nove meses em que ficou à frente do jornal. Após o que decidiu sair do repêgio e fazer seu próprio jornal. O arrendamento foi uma jogada de mestre para ele. Afinal, com ele, ganhou experiência com jornal impresso e teve tempo de montar toda a estrutura de um moderno diário, fora do prédio de O Estado - absorvendo a equipe e os assinantes do velho jornal e acrescentando computadores e impressora moderna.

Com tudo pronto - e testado -, Guimarães chamou Teresinha e deu-lhe a notícia



Pegos de surpresa, os assinantes viram o Meio Norte quebrar uma tradição.

Arraldo Albuquerque



Teresinha Cavalcante

Arraldo Albuquerque



Paulo Guimarães

O ESTADO TRINTA DIAS DE AGONIA DE VIDA DE UM JORNAL

BENONI ALENCAR

de que abandonava o contrato e o velho jornal, lançando o Meio Norte. É compreensível a revolta que tomou conta de Teresinha - afinal, O Estado dava sangue a um novo jornal e era deixado na rua da amargura. Mas não era bem assim: Guimarães, depois de zerar as dívidas do jornal e reerguer seu prestígio junto aos leitores e anunciantes, oferecia a Teresinha alguém disposto a assumir o contrato de arrendamento pelo resto do tempo da sua validade. Tratava-se do engenheiro Heitor Castelo Branco, 65, que desde o dia 1º de fevereiro responde pelos destinos de O Estado. Entre o dia em que Guimarães surpreendeu Teresinha com a notícia de que largava o jornal - 26 de dezembro - e a data em que Heitor Castelo Branco recebe o sim para ser o continuador do contrato de arrendamento, transcorreram 30 dias de terrão para todos os envolvidos na negociação, entre eles o advogado Luiz Gonzaga Viana, conquire de Teresinha e representante de seus interesses. Isto porque a viúva de Helder insistia

em dar ouvidos a conselhos para que levasse Paulo Guimarães à Justiça, com o objetivo de fazê-lo pagar pelos seis anos e três meses de contrato que faltavam. O advogado Viana não pensava assim. A seu ver, seria caro demais o preço da paralisação de O Estado por cinco anos - ou mais, tempo que os tribunais levariam até decidir quem tinha razão na pendenga. "Quando o jornal voltasse a circular, os leitores nem se lembrariam mais dele", justifica Viana.

Teresinha se convenceu. Com o que, o Piauí ganhou um novo jornal - O Meio Norte - sem perder um que já contava 25 anos de circulação.

O jornalista Antônio José Andrade Paiva, 45 anos, 12 dos quais à frente de banca ao lado do ambulatório geral do Hospital Getúlio Vargas, é um sambonista dos tempos em que o jornal O Estado, capitaneado por Helder Feitosa, tinha seus exemplares disputados pelos leitores. "Era um jornal muito querido, o melhor de todos", diz Antônio José.

"Depois de mais e mais últimos tempos, vinha se levantando. O jornal não sabe que O Estado vai voltar a circular, depois da paralisação a partir do dia 2 de janeiro. Se voltar quente como era antes dos problemas sofridos vai dar resteira em todos esses aí", aposta Antônio José, apontando para pilhas de jornais em seu balcão.

Aposta semelhante faz o engenheiro Heitor Castelo Branco Filho, 65, que arrendou o jornal em fevereiro e trabalha para fazê-lo voltar às bancas ainda na primeira quinzena de março. O editorial do relançamento já está pronto e diz: "O Estado fará grande sucesso nesta sua nova fase, eis que dirigido por equipe de primeira água, competente, profissional e empresarialmente gerida. O Estado é, desde já, o melhor veículo de qualidade do Piauí". Heitor acredita na própria experiência e na do editor contratado, José Fortes Filho, 50. Ele foi diretor comercial e editorialista do próprio O Estado, e 1995, quando o jornal passou para o contrato do seu amigo Paulo Guimarães. Na verdade, Heitor foi uma espécie de reorganizador do jornal, para colaborar com Paulo Guimarães, que acabaria lançando próprio jornal, o Meio-Norte. José Fortes, por sua vez, se passagens como editor de O Dia e no próprio O Estado, ao tempo de Helder Feitosa.

Heitor não dá maior importância ao fato de O Estado ter de disputar mercado com uma antiquada impressora plana, que não imprime as fotos em cores, com as rotativas dos seus principais concorrentes - O Dia, Diário do Povo e Meio Norte. O motivo que a máquina consegue e colocar cores chapadas, as outras partes do jornal. "Para a tiragem que os jornais alcançam no Piauí, minha máquina está boa, porque posso imprimir facilmente 6 mil exemplares numa noite. Quanto às fotos, elas ficam boas também em preto e branco", ele raciocina.

O novo diretor de O Estado quer concentrar os esforços de circulação em Teresina, numa primeira etapa. Mas conta recuperar aos poucos rede de distribuição e de assinantes no interior. O jornal manterá o estilo popular que o consagrou perante os leitores - e este é o outro motivo pelo qual Heitor Castelo Branco não teme o confronto com os concorrentes. "Cada jornal tem seu estilo e seu público e, por isso, há espaço para todo mundo", afirma.

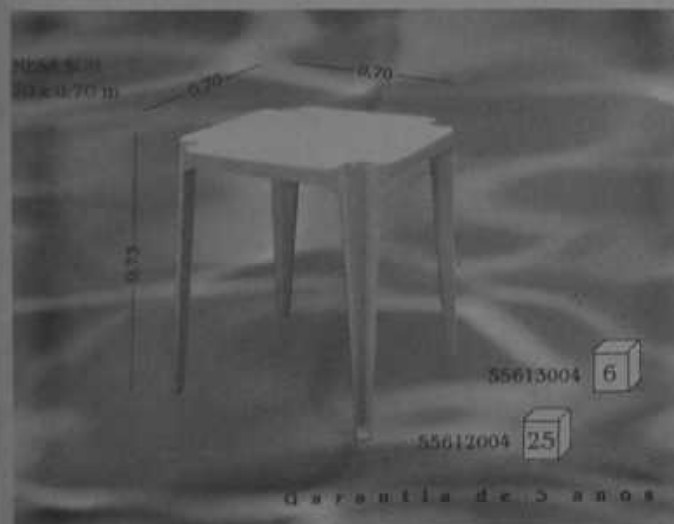
O Estado voltará a ter como endereço o prédio que Helder Feitosa construiu para sede do jornal, a 86 Centenário - no último ano, mas mãos de Paulo Guimarães, funcionou na Avenida Frei Serafim. Suas 15 velhas máquinas de escrever, que tinham sido substituídas por computadores por Paulo Guimarães, continuam aposentadas - Heitor abre também um Redação informatizada. A Redação contará com 10 pessoas, entre editores, repórteres e diagramadores. "É só o começo", afirma o editor José Fortes.



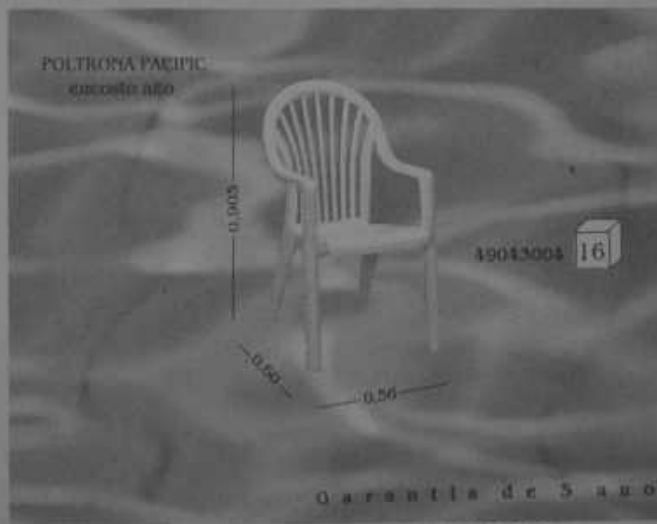
***PISCINAS * IRRIGAÇÃO * BOMBAS SUBMERSAS**

*** MÓVEIS PARA PISCINAS E JARDINS * REVESTIMENTOS**

PARA POÇO TUBULAR * CAIXA-D'ÁGUA DE 250 À 20.000 ML



MESA GROSFILLEX - A PARTIR DE 38 REAIS



POLTRONA GROSFILLEX - A PARTIR DE 12,90 REAIS

Av. João XXIII, 1151 - Jockey CEP: 64.049-970
Fones: (086) 232-4212 / 4995 - Fax: 232-7308 Teresina - PI

ELE/RUK

Ruk por Ruk

A apresentadora de TV Mais Veloso, no palco do Theatro 4 de Setembro, anunciou: "Raimundo Nonato dos Santos, o Ruk, de Coelho Neto, Maranhão". Simultaneamente, existiu emoção invadida o rapaz, de apenas 23 anos de idade e que estava na platéia da abertura do XIV Salão Internacional de Humor do Piauí, novembro de 1994. O artista gráfico Ruk, desconhecido de quase todos, não acreditava ainda, mas conquistara o primeiro lugar no Salão, na categoria Cartum.

"Minhas pernas estavam tremendo", lembra. Ruk vencera na categoria mais disputada de um dos principais salões de humor da América Latina. Ele concorreu com artistas de países de vários continentes, mas seu trabalho dividiu as atenções do júri com o do artista gráfico Paulo Moura, segundo colocado, com prestígio no Piauí e fora dele, e hoje curador do XV Salão Internacional de Humor. O cartum premiado - bela e engraçada metáfora sobre a alienação do homem das sociedades ocidentais, que lê quase nada e passa o tempo hipnotizado pela linguagem das antenas parabólicas -, foi escolhido por, entre outros jurados, Ique, o famoso chargista do Jornal do Brasil - hoje no O Dia, do Rio de Janeiro.

Depois de subir ao palco e receber troféu, e o cheque de US\$ 2 mil, Ruk, que havia chegado a Teresina um mês atrás, recebeu os cumprimentos de cartunistas e chargistas convidadas de outros estados, e de pessoas nunca vistas por ele. Naquela noite - mais parecia um sonho -, foi cumprimentado também por gente como Albert Piauí, Lapi, Érico, de São Luís (MA), Tarciso Garcia, de Fortaleza (CE), e o próprio Paulo Moura. E pensar que tinha ido à abertura do Salão de Humor sem maiores expectativas. "Vamos lá ver os caras recebendo os prêmios", disse para João Medino, seu maior amigo.

Dois dias depois, Ruk consumiu 14 cervejas com uns poucos companheiros durante a comemoração do feito, mandou o equivalente a R\$ 1 mil para Dona Morena, a mãe, em Coelho Neto, e o restante aplicou num investimento para o futuro. Sobrou algum dinheiro, mas os dividendos maiores não seriam financeiros. O triunfo no Salão começou a lhe render respeito e maior reconhecimento quanto ao seu trabalho. Ruk agora é visto como brilhante promessa. Artistas renomados nacionalmente sabem que ele existe. Para completar, foi convidado para trabalhar na *Infogral*, do artista gráfico, humorista e jornalista Albert Piauí - um dos criadores do Salão de Humor -, e do estatístico Batista Teles. O mesmo Albert, quando editor gráfico do Jornal da Manhã, abriu as primeiras portas para um garoto inferiorano, 19 anos incompletos, que trazia debaixo do



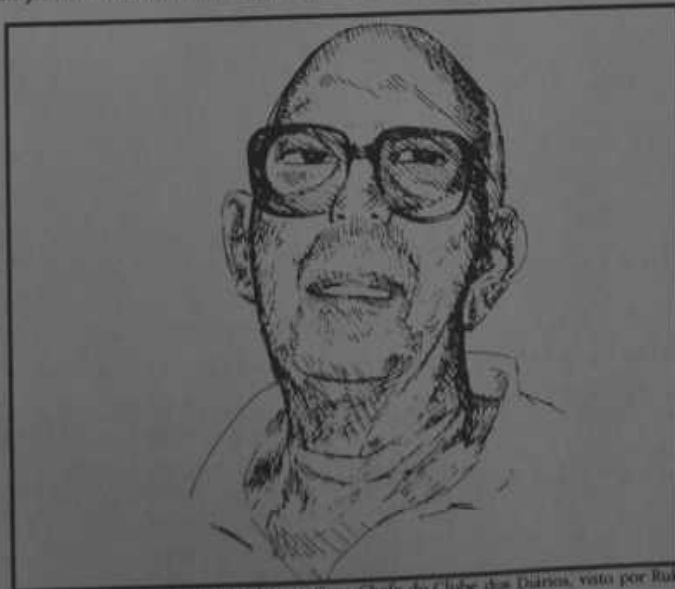
SÉRGIO FONTENELE

braço caricaturas de políticos piauienses e nacionais.

Aqueles desenhos impressionaram Albert, considerando a juventude do artista. Comprou os trabalhos e os publicou no prestigiado caderno dominical de cultura, apresentando o menino de Coelho Neto como "novo animal nesta floresta confusa". "Ele adentrou de mansinho em minha sala, aqui no Jornal da Manhã, vestindo roupas sim-

ples, calçando sandália japonesa", escrevia Albert naquela edição. Seria o início, em grande estilo, de bonita e precoce carreira. Mas nada fácil. "Como diria Ziraldo, ele ainda terá de passar pelos diversos crivos da vida, mas é um grande talento e tem vocação para o desenho", registraria Albert.

Filho de humilde trabalhador rural, seu José Luis Marques de Sousa, Ruk, o primeiro de 10 filhos, decidiu cair na estrada



Seu Marcelino, o Gran Chefe do Clube dos Diários, visto por Ruk

perigando ver um mundo de novidades, dificuldades, injustiças, prazeres, alegrias e tristezas. O ato de coragem não foi compreendido num primeiro momento por sua pobre e unida família, mas as preocupações de Dona Morena não eram suficientes para detê-lo. "Fazer o quê? O jeito é cair na estrada, né cara?" Ruk sentia as necessidades dos pais e irmãos, e planejava fazer alguma coisa para ajudá-los. Na modesta bagagem, além de roupas, o curso incompleto do 2º Grau, o talento e a garra para vencer.

Era agosto de 90 e, poucos dias antes da realização do Salão, Ruk mal havia saído da casa dos pais. Comprara papel charmax e desenhou duas caricaturas, três cartuns e duas charges a tempo de se inscrever na mostra. "Foi uma alegria danada" emplacar um cartum ao lado de feras como Biratán, Kupper, Cavalcante e Nilson, todos seus concorrentes. As duas girafinhas, unidas num apaixonado beijo, precisavam dos longos pescoços para superar o vertiginoso abismo entre elas. Essa era a idéia do amigo Medino, materializada no papel por Ruk e escolhida entre os melhores cartuns daquele Salão.

No segundo semestre de 90, a habilidade presente nos precisos, engraçados e irônicos traços de Ruk, produtos de uma mente sensível e sequiosa de informação, seria novamente aproveitada na imprensa piauiense. O desenhista bateu à porta do Jornal O Estado e, depois de falar com os jornalistas Pires de Sabóia, o e Jitor na época, e Ral, fez caricaturas durante mais de um mês e 10 dias. O primeiro amargo crivo. Ruk conta que perguntou a Ral pelo prometido salário, 40 dias depois. "Ral disse que não estava nem aí e que eu estava fod... mesmo", lembra, com uma ponta de decepção. A denúncia do artista foi parar na Delegacia Regional do Trabalho, que marcou a primeira audiência de conciliação para 7 de janeiro de 91. "Eu não esperi."

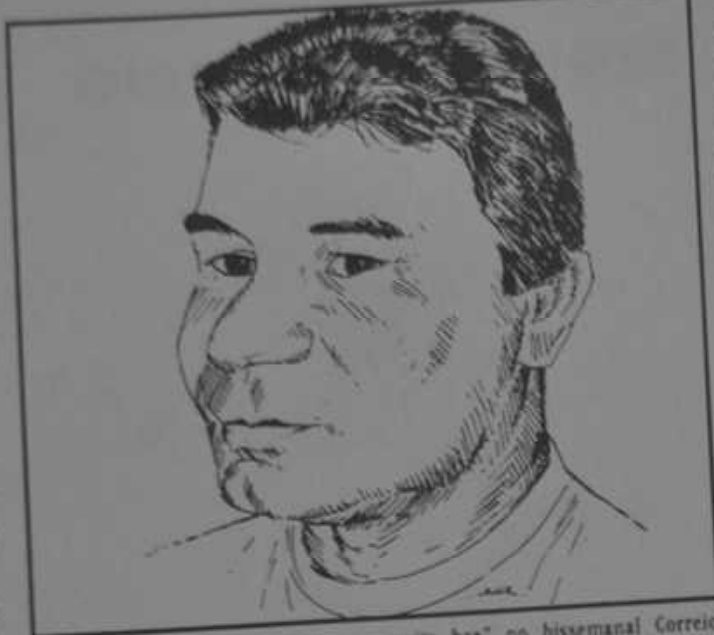
Antes da data escolhida, Ruk, num ônibus, retornava a Coelho Neto. Estava cansado, magoado, "decepcionado com Teresina" e parecia ter perdido sua primeira batalha. O destino, entretanto, não demoraria a manifestar-se. Um convite para morar em Manaus (AM), o "paraíso" onde corria muita grana, segundo um primo, foi suficiente para recolocá-lo na estrada ou melhor, na imensidão do Rio Amazonas a bordo de uma embarcação que vinha de Belém (PA). O primo, autor do convite e financiador da sua passagem, viajou de avião e ficou esperando-o em Manaus. A recepção não poderia ter sido pior. Ruk foi confundido num bando de arruaçeiros dispostos a acotlear quem dormia na região do cais. Surpreendido por batida policial, foi obrigado a encos-

le na parede, levou esperto dos militares e cores azuis que eles terminassem uma coleção até 10.

Da sempre assim, Ruk parece correr atrás até antes do fim de uma imaginária imagem regressiva que precede novos rumos, cidades, artes, pessoas, experiências profissionais, pessoais, existenciais. Possui prodigiosa memória cronológica e é capaz de lembrar, com precisão, as datas-chave de tais esos momentos. Por exemplo: lembra-se que chegou em Palmas, a capital do recém-criado Estado do Tocantins, no dia 10 de janeiro de 95. Também tem registrada na memória a data de 22 de novembro do mesmo ano. Estava em Curitiba (PR) pela primeira vez, sem dinheiro no banco, sem papéis importantes ou não, e vindo do interesse para combater a síndese de analfabeto em etapas próprias desenhadas no papel.

Em Manaus, Ruk procurou o editor do Diário de Amazonas e foi indicado para trabalhar numa gráfica, sem função específica, até que, transcorridos uns 30 dias, insatisfeito, procurou vaga no Amazonas em Tempo, um dos principais jornais. Pela primeira vez, conseguiu emprego que lhe renderia o seu salário dos jornalistas. Impressionada com o que tinha nas mãos, a proprietária do Amazonas em Tempo, Hemengarda Jaqueira, convocou imediatamente reunião com seus editores e, com a aprovação dos auxiliares, efetuou a primeira contratação de um ilustrador. Ruk confessa que "apanhou" no começo. "Mas, depois, fui pegado pelo" diz o artista, responsável à época pelas caricaturas, charges e outras ilustrações do caderno "Cultura em Dia".

Logo depois veio a Ruk página inteira em sua homenagem. O jornalista Mário Mello o qualificava de "O Incribel Ruk", título de perfil dedicado ao rapaz de Coelho Neto. "No primeiro dia de aula, ninguém sabia quem era aquele garoto subnutrido que, de cabeça baixa, rabiscava o caderno sem fa-



Poeta William, por Ruk

lar com ninguém", revelaria Adolfo. O colega amazonense, na verdade, respigaria um dos momentos fundamentais da carreira do desenhista. Aquele em que Raimundo Nonato se esquivaria da trajetória artística para dar vez ao Ruk. "Como o desenho era daquele porreloso que ficava verde e saía raspando as calças quando lhe incomodavam, o mesmo acabou recebendo o apelido de "Ruk", completa Adolfo. Permaneceu a alcunha dos tempos de primário, mas o menino, com ganas de fazer arte, produziu sua marca pessoal, modificando a grafia e pouco da pronúncia do nome do clássico herói Marvel. "Resolvi assumir porque não dá para assinar Raimundo Nonato."

Ruk permaneceu mais de um ano no Amazonas em Tempo. Saiu em maio de 92. Com saudades da terra natal, voltou ao lar, antes de inquietar-se o bastante para arrancar Palmas e depois, Curitiba. No Tocantins, não encontrou nenhum chefe dos parintintins, mas amarelhou "experiência

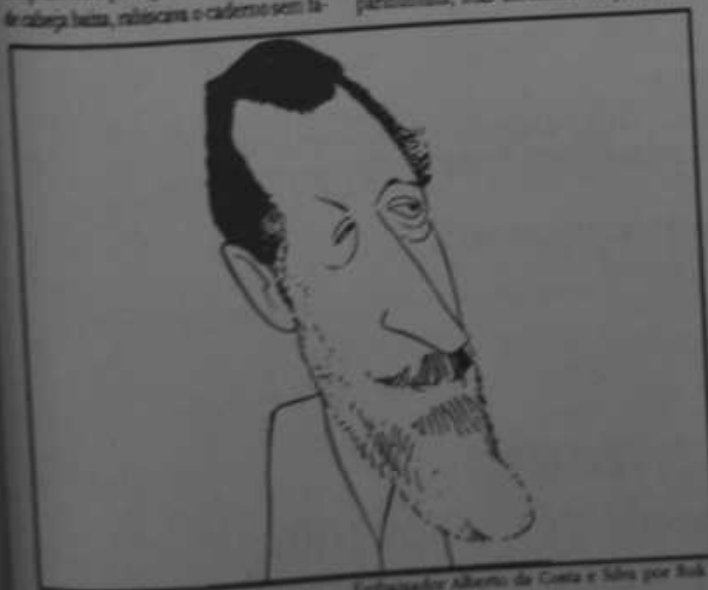
multa boa" no bissemanal Correio Tocantinense. O posterior trabalho numa agência de publicidade abriu-lhe os segredos da criação e produção de layouts para cartazes e outras peças visuais. Mas a poeira e o calor infernal terminariam por expulsar Ruk daquele Estado.

Teve que enfrentar o preconceito dos racistas e "mascarados" curinbanos contra os nordestinos. No terminal rodoviário de Palmas, embarcou num ônibus Turismo, com destino a Porto Alegre (RS), mas não sabia onde ficar. Antes que o motorista manobrasse o veículo no terminal de Maringá (PR) para retornar viagem à capital gaúcha, Ruk decidiu descer. Tomou hambú, lanche e esperou a condução para a cidade da Rua das Flores. Um "choque", deslumbre à primeira vista. Sentia como se tivesse saído do deserto e entrado no oásis. "A impressão que eu tive foi essa." Colocou a bolsa à tiracolo, a caixa de livros de arte e Hips no guarda-volumes do terminal, e foi passear pela cidade.

Port-fólio na mão, Ruk daria uma segunda volta, desta vez, pelos jornais. Nem olhavam para sua cara quando dizia ser do Nordeste. Persistentemente, fez amizade com Paixão, chargista da Gazeta do Povo, e defendia parte do sustento através de serviços free lances durante a aventura no "sul maravilhoso". Era o auge da onda de separatismo, sintetizado no slogan "O sul é meu país", defendido por neonazistas, líderes de extrema-direita e manipuladas pessoas comuns, cheias de preconceito. Suas origens, entretanto, não seriam maior empecilho para trabalhar numa editora, ilustrando livros didáticos. Um ofício. O traço atrativo era a boêmia noite, o chope escuro no centro histórico, precisamente, o Largo da Ordem, onde morava. Não menos fascinante a movimentação cultural para o homem interiorano do Maranhão.

Fora dos bares, Ruk procurava livros raros nos muitos cebs daquele pedaço. No trabalho, aprendeu a fazer aquarelas e, depois de quase um ano, com a saúde apertando o peito, abandonou tudo e voltou à sossegada Coelho Neto. Estava lá até ganhar o Salão de Humor do Piauí. Não foi o primeiro momento de destaque no Salão. Em 92, ficou em 3º na categoria Caricatura. No ano seguinte, seu trabalho foi escolhido o melhor pelo Júri Popular. Não é só isso. Ruk mandou quatro desenhos para o Salão de Humor Henfil, em Belo Horizonte (MG), e ficou satisfeito por terem sido selecionados três deles para a mostra oficial.

O artista afirma que sua grande meta de vida é ajudar no bem-estar de sua família. "Minha intenção é voltar a morrer com a mãe, ajudar a criar os filhos dela." Dificuldades? São inúmeras. "Só com um lápis, desenhando, acho difícil fazer muita coisa", resigna-se em meio a aparente abatimento. "Se soubesse que era tão difícil assim, escolheria outra profissão", desabafo. Ainda bem que não escolheu nada diferente da arte do traço.



Embaixador Alberto da Costa e Silva por Ruk



Jornalista Vitor Gonçalves Neto por Ruk

SEGURO FUNERÁRIO



ALBERT PIAUÍ, irreverente jornalista, meio filósofo, artista e meio, é um dos maiores talentos do humor nacional. Na campanha eleitoral de 1992, ele aprontou uma que só contando. Kenard Krueel, uma figura sem apego a bens materiais, e, como Albert, também um irreverente, assumiu a coordenação da campanha do vereador Geraldin Oliveira - empesário bem sucedido no ramo de funerárias e dono de um cemitério em Teresina, o Jardim da Ressurreição.

Ao analisar a nova atividade do colega, assumida no melhor estilo dos parnaibanos arrojados, Albert foi curto e grosso:

- É, agora o Kernard tem onde cair morto.

*Zozimo Tavares
Do livro "O Pulo do Gato"*

CONHEÇA OS NOSSOS PLANOS:

* PLANO DE ASSISTÊNCIA FAMILIAR * PLANO DE ASSISTÊNCIA EMPRESARIAL * PLANO DE ASSISTÊNCIA COLETIVA

AGUARDEM:

* AEROSISTEMA - Plano de assistência à vida * ODONTOLIN - Plano de assistência odontológica * PLANO VIDA DE ASSISTÊNCIA MÉDICA * PREVIDÊNCIA PRIVADA

SERVIÇOS GRATUÍTOS AOS ASSOCIADOS:

- * Assistência Social
- * Apoio Psicológico
- * Assistência Jurídica



SINTA-SE SEGURO
PAX UNIÃO - Serviços Póstumos Ltda.
Telefones: 221-7673 / 221-7187

De tempos em tempos Teresina evoca suas vozes musicais. Flutam-se novas idéias, novos atores, amplificando e revitalizando a necessidade de refazer e realimentar a cidade. O sangue é novo, o circo também. Há muito vigor nesta movimentação. Chamam a nossa atenção com nomes nos roteiros culturais (Vozes Problemáticas, MPBanda, Tocata, Vagem Afita do Betume da Judéia, etc). Chamam a nossa atenção tocando música para seus pais. Chamam a nossa atenção fazendo som de garagem nas choparias e picanharias da cidade (lugares tidos como conservadores). E o que há de novo nisso?

Muita coisa. Pra começar está dando certo. Se eles chamam a atenção, a coisa funciona (eles adoram aparecer!). Quando não funciona eles se desdobram, se reestruturam como "transformers" (aqueles japas que viram carros e aviões).

Projeto novo é o que não falta pra essa turma. Quem toca rock tem projeto de mpb, reggae, quem toca mpb tem projeto de blues, acid, jazz, não importa, pois grande parte dessa moçada já se divide em várias bandas que coexistem em Teresina. E assim quando alguma semente não vinga já existem outras prestes a brotar. O importante é revolver a terra, deixando-a pronta para o plantio; semear a cidade. A colheita talvez demore, talvez não. O melhor de tudo é ver todo mundo

Arnaldo Albuquerque



SOLUÇÃO SIM!

MACHADO JR

produzindo sem esperar "tempo bom".

Num ponto essa turma é totalmente radical. Eles parecem não tocar de tudo. Uns brincam com problemas técnicos, com as suas limitações e vacilos em cima do palco. Outros atribuem qualquer defeito as energias negativas, o conhecido "carrego", e espantam o mau olhado com muita irreverência.

Superficiosos ou não eles têm muita sorte, pois Teresina hoje é a cidade ideal para a proliferação de movimentos como esse. A concorrência ainda é pequena e todos os dias surgem novos gueetos e novas tribos a espera de seus líderes. Hoje há espaço para tudo na cidade. Trash metal, reggae e hip hop. Para preparar a salada só está faltando o tempero. Os ingredientes já estão aí. A receita também. O próximo passo é aprovar o cardápio, descobrindo essa nova troupie musical.

Esse texto é também um pouco descoberta, um pouco convivência, daí o caráter de proximidade, conhecimento de causa. Depois da leitura você terá duas alternativas: a primeira, ficar morrendo de vontade de ouvir a galera em ação. Aí o problema é seu. A segunda, perguntar o que há de novo nesse artigo, se todo mundo, já conhece esse som e essa história? Inevitavelmente esta é a hora certa pra eles e, com certeza, em tempos para a cidade. Afinal se o problema for nosso, a solução pode ser deles.

Foto Sombra



REVELAÇÕES EM CORES **1** HORA
COM FILME GRÁTIS

Reproduções de fotos antigas e slides
em 1 minuto



221 46 25

Rua Barroso, 175 - Centro - Teresina - PI

BOLERO

O bolero não morrerá enquanto houver um coroa tomando banho de chuveiro frio.

CIDADANIA

Cidadão, não dese de votar. A corrupção precisa de você.

CIENTISTAS

Por que os cientistas vivem descobrindo novas formas de doenças e não conseguem descobrir uma forma definitiva de saúde?

CLEPTOMANIA

Essa rouboeira toda no Planalto não é mais corrupção. É cleptomania.

CONFIABILIDADE

Pague rigorosamente em dia as suas contas e cumpra rigorosamente todas as suas obrigações até conseguir crédito prum golpe que valha a pena.

CONSTATAÇÃO

A riqueza não traz felicidade. A burrice traz.

CONTRAPARTIDA

Para haver cultura, tem que haver ignorância.

CONVIDADOS

Restaurar a democracia é fácil. Eu quero ver é convidar pra festa trinta milhões de miseráveis.

CORRUPÇÃO

Acabar com a corrupção é o objetivo supremo de quem ainda não chegou ao poder.

DESIVENÇÃO

Se o rádio fosse inventado depois da televisão acharíamos genial um aparelho que nos evita a cara dos locutores.

DESPERDÍCIO

Os homens que se casam de novo não mereciam ter perdido a primeira mulher.

DUPLO SENTIDO

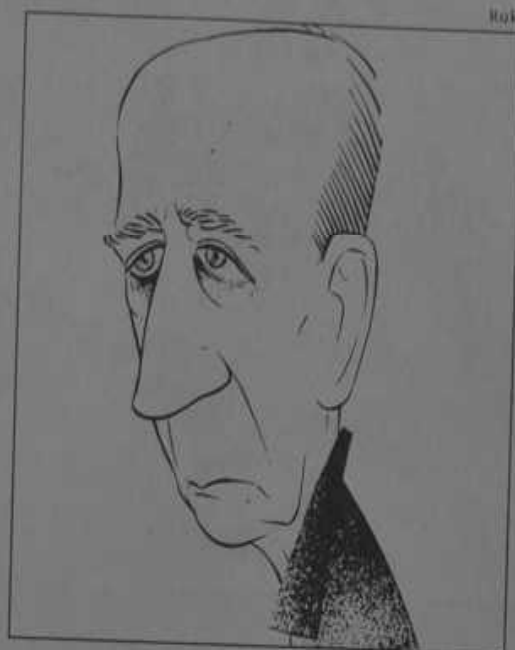
Idiota mesmo é o sujeito que, ouvindo uma história com duplo sentido, não entende nenhum dos dois.

ECONOMIA

Você aí que sempre economizaram tanto para os dias piores, podem começar a gastar: os dias piores já chegaram.

ENCRUZILHADA

No Brasil temos que conviver com o esquerdismo demagógico da direita e o

REGISTRO/MILLÔR**O IRRITANTE GURU DO MEYER**

Presenteado pelo Zózimo Tavares, venho traçando o livro "Millôr Definitivo, A Bíblia do Caos". Sem pressa, porque é um livro para ler sem pressa. Afinal são 5142 pensamentos, preceitos, máximas, raciocínios, considerações, devaneios, cismas, disparates, idéias, estultilóquios, alogias, sandices, distates, etc., distribuídos em 560 páginas.

Millôr é um dos maiores humoristas brasileiros, apesar de que o humor seja apenas uma das muitas habilidades. Desenhista, autor de teatro poeta e tradutor, é também um filósofo, não digo apenas de sistemas, mas do cotidiano. O livro Millôr Definitivo é imperdível, não pode nem deve faltar em nenhuma estante que se preze, ou, por que não dizer, na cabeceira da sua cama. De excelente acabamento, tem um bonito projeto gráfico assinado pelo filho Ivan Fernandes. Editado pela L&PM, editora gaúcha, dona de um dos melhores catálogos do Brasil, pode ser encontrado facilmente na livraria Deslivres, no RB Center, ali na Nossa Senhora de Fátima. Enquanto você não pega o seu, curta um pouco da Bíblia do Caos.

ALBERT PIAUI

**DLIVRARIAS
DESLIVRES**

Os melhores livros pelo menor preço

Fone: 232 7998 • Teresina • PI

diretismo visceral da esquerda

ESTATISMO

Nossos corruptos são tão inoportunos que só conseguem roubar do governo. Se fossem ladrões na iniciativa privada morreriam de fome.

ÉTICA POLÍTICA

Ética política é o ato de jamais passar alguém pra trás sem antes consultar os companheiros do partido.

ETIQUETA

Quando você estiver numa reunião social no Planalto, por mais bem sucedida que seja a reunião, por mais concorrida que esteja, por mais convidados que haja, nunca diga que tem gente saindo pelo lado.

EXCELENÇA

Uma coisa temos que reconhecer - esses tecnocratas fazem o pior o melhor que podem.

EXEMPLO

Basta você olhar qualquer família pra não acreditar mais em paz no oriente médio.

FALSÁRIO

O falsário é o único sujeito cujo problema financeiro é completamente diferente do de todo mundo. Pra ele, fazer dinheiro não tem a menor dificuldade. Gastar é que são elas.

FIDELIDADE

Certas mulheres não nos abandonam nem nas piores situações. Que, aliás, foram elas que criaram.

FOME

A fome é um problema que o Brasil, não tendo conseguido resolver pela agricultura, quer resolver pelo Ministério do Trabalho.

GÊNERO

Os clássicos gregos esqueceram de incluir uma espécie entre os gêneros de teatro, mas nunca é tarde pra gente dar nossa contribuição. Fica assim: Trágica, Comédia, Drama e Chalice.

PACHISMO

Uma coisa extremamente favorável aos bêbados: nunca ninguém viu cem mil bêbados de um país querendo estrechar cent mil bêbados de outro país.

POLÍTICO

A diferença entre a galinha e o político é que o político cacareja e não bota o ovo.



CÂMARA MUNICIPAL DE TERESINA

NOTA DE PESAR

Os vereadores de Teresina, ainda consternados com a perda irreparável do seu líder, prefeito Raimundo Wall Ferraz, externam à família enlutada os seus mais sinceros sentimentos de pesar e reafirmam o compromisso de continuar lutando por melhores dias para o povo de nossa cidade, tarefa que ele, como nenhum outro, sabia executar em todos os momentos de sua vida.

Teresina, 29 de março de 1995

Djalma Filho
Presidente

Monte Castelo, único bairro de Teresina que se formou com o nome escolhido antecipadamente, em homenagem ao local conquistado na Itália, em batalha, por pracinhas da FEB durante a 2ª Guerra Mundial. Também conhecido como Conjunto do IPASE, onde alguns ex-pracinhas tiveram residência e fundaram em 24 de julho de 1978 a primeira associação do bairro: AMCRIPASE (Associação dos Moradores do Conjunto Residencial Ipase).

Com a necessidade de uma abrangência maior, surgiu a AMMOC - Associação dos Moradores do Monte Castelo que através do seu atual presidente, João Mendes, visa solucionar os problemas do bairro e viabilizar a realização de projetos e eventos como a tradicional "Via Sacra".

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelos moradores é a pequena quantidade de ônibus que trafegam com o intervalo de até uma hora. Além disso, apenas duas linhas da empresa TAGUATUR (Três Andares - Monte Castelo) circulam num bairro que possui uma população de 15.775 habitantes*: uma na rua Desembargador Mota e outra na rua Heráclito de Sousa.

A AMMOC chegou a encaminhar um ofício em 11 de novembro do ano passado ao Secretário Municipal de Transportes, sr. Ricardo Freitas, reivindicando mais ônibus nas linhas, inclusive finais-de-semana, e um "corujão" que beneficiaria os moradores que trabalham e estudam à noite.

Mas a contraproposta do secretário Ricardo Freitas de unificar as linhas não satisfaz aos habitantes que se sentiram prejudicados com essa medida e decidiram encaminhar a questão ao prefeito Francisco Gerardo.

PRAÇA E ESPAÇO CULTURAL

Dois projetos da AMMOC já foram aprovados pela ETURB - Empresa Teresinense de Desenvolvimento e Urbanização: a construção de uma praça por trás da Igreja São Sebastião, com inauguração prevista para agosto, e a construção do Espaço Cultural no Morro do Zacarias, onde será encenada a crucificação de Cristo.

A praça contará com um monumento idealizado pelo sr. João Alberto, presidente da ETURB, simbolizando união, solidariedade, de acordo com o nome escolhido "Praça da Comunidade".

O Espaço Cultural já está em construção e será entregue antes da Semana Santa. O presidente da ETURB esteve no local e aprovou o início das obras.

VIA SACRA

Quadros da paixão de Jesus são re-



Momento da queda de Jesus Cristo durante o caminho da cruz em direção ao Morro do Zacarias.

A VIA CRUCIS DO MONTE CASTELO

A AMMOC APOSTA NA FÉ E PROMOVE A MAIS EXPRESSIVA COMEMORAÇÃO DA SEMANA SANTA DE TERESINA.

CLAUDIA BELCHIOR

presentados por aproximadamente 60 pessoas, entre atores e figurantes, nas principais ruas do Monte Castelo (a programação).

A iniciativa partiu do grupo "Jovens Buscando a Renovação da Paz" JOBURE da paróquia São Lucas que há 6 anos apresenta a peça para um público que aumenta a cada ano. "Antes nós fazíamos com a cara e a coragem, agora já temos uma produção completa. Vem gente até de outros bairros para assistir", diz Duryal, um dos atores.

No Domingo de Ramos, os atores vão à rua com trajes da época e logo depois encenam a entrada de Cristo em Jerusalém, partindo da Igreja São Lucas e terminando na Capelinha de Pádua "NS das Graças".

A novidade este ano é o Sermão da Montanha, apresentado quarta, dia 12, no pátio da Igreja, onde também é encenada a Santa Ceia e o FogaRéu.

Após o julgamento de Cristo, na sexta, dia 14, o caminho da cruz percorre as principais ruas do bairro até o Morro do Zacarias.

Neste percurso, um dos componentes, Clayton segue num carro de som comentando as passagens da queda de Jesus, da ajuda de Simão e comparando com o tema da Campanha da Fraternidade desse ano: "Eras tu, Senhor?" - os excluídos e esquecidos.

Os efeitos especiais ficam a cargo de Luiz Tito que utiliza pelo seco e um carro-

rouque para elevar o ator Gilmar Lobão (Jesus) durante a cena da Ressurreição a uma altura de 30m.

As pessoas se emocionam diante da história tão bem representada pelos artistas da casa. No ano passado 5 mil pessoas prestigiarão o espetáculo e o público estimado para este ano é de mais de 5 mil pessoas.

PROGRAMAÇÃO

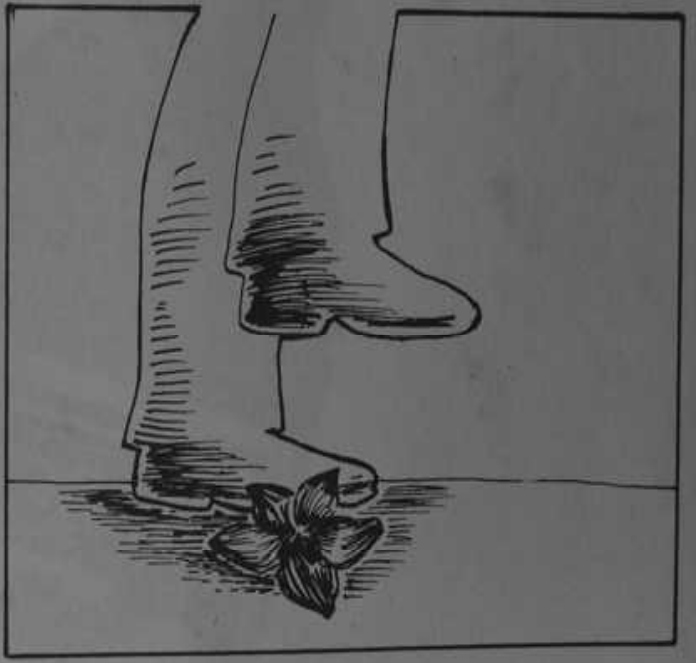
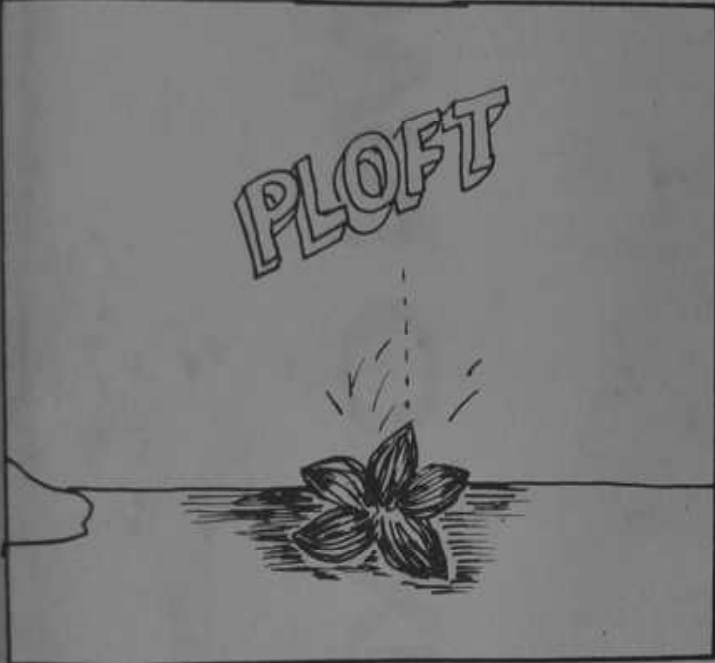
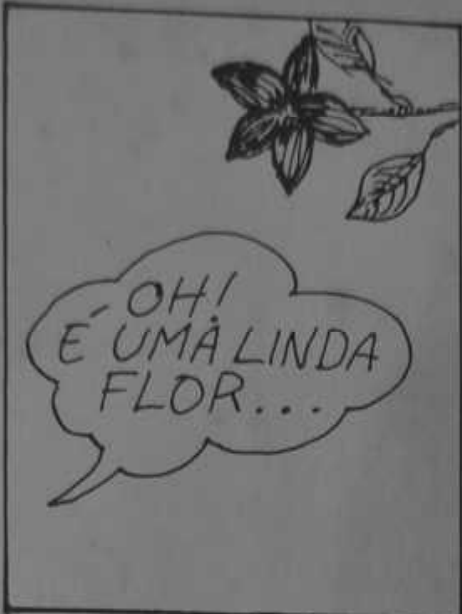
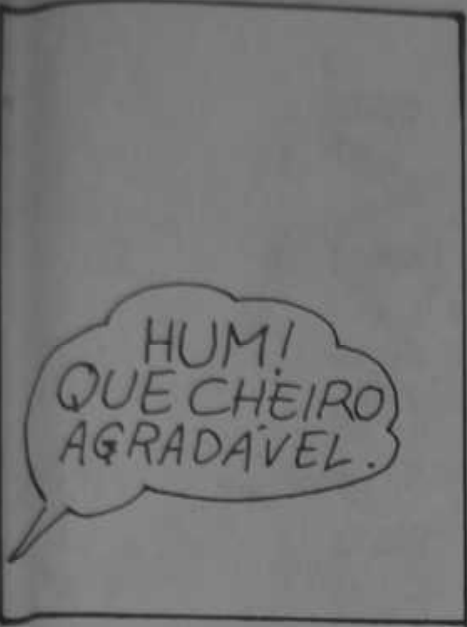
09/04 - DOMINGO DE RAMOS - das 8 às 10 horas

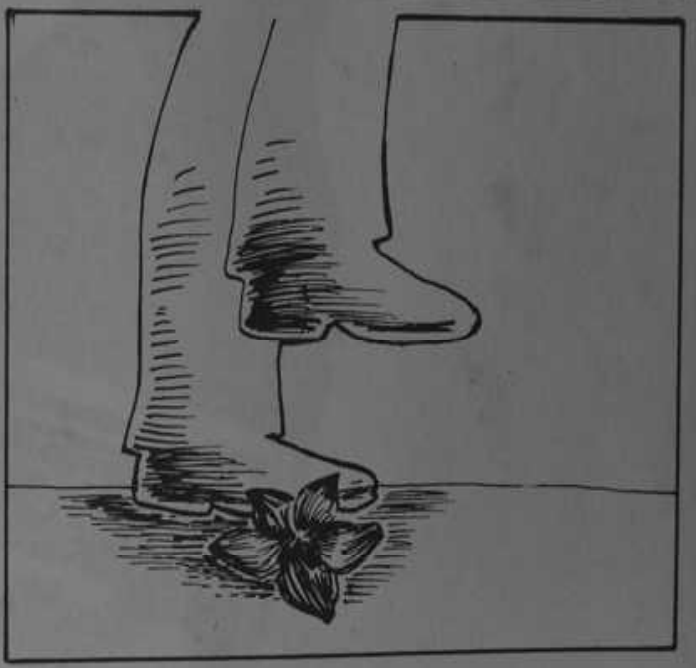
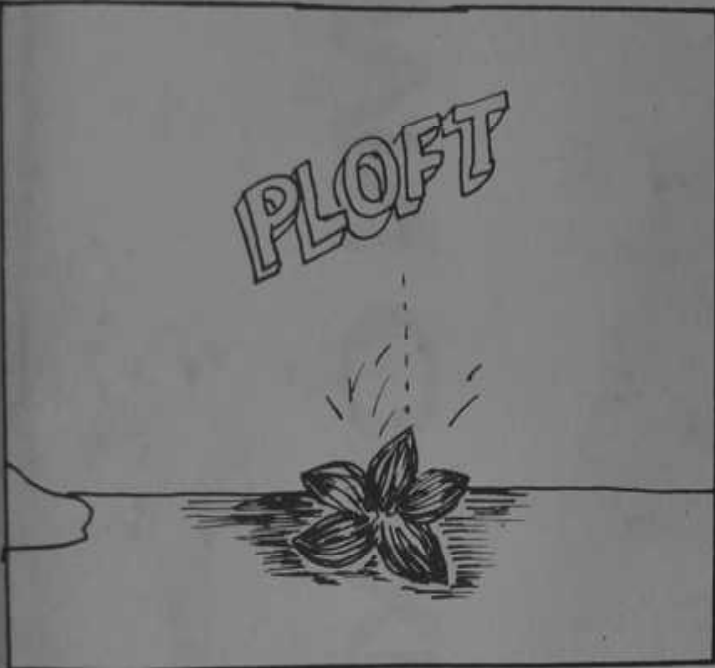
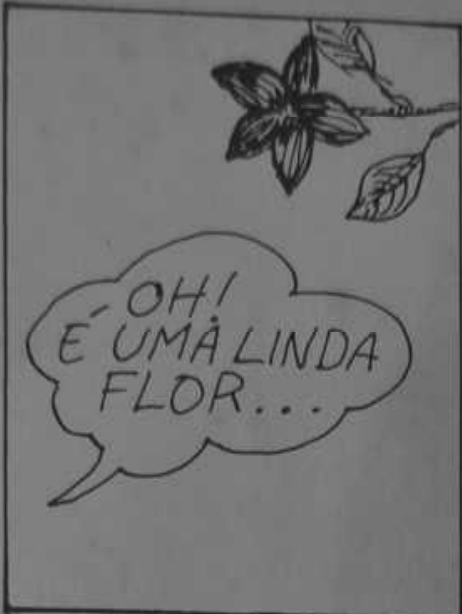
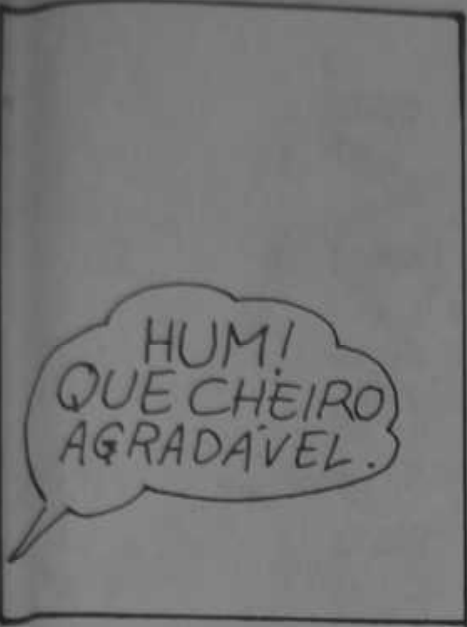
12/04 - SERMÃO DA MONTANHA, SANTA CEIA E CUBAS - das 19 às 21 horas

13/04 - FOGARÉU - das 19 às 21 horas - IGREJA SÃO LUCAS

14/04 - JULGAMENTO, MORTE E RESSURREIÇÃO - A partir das 17 horas

OBS: Toda a programação será realizada na Igreja de São Lucas. No dia 14, haverá programação também no Morro do Zacarias.







PAIXÃO NACIONAL